

Fevereiro 2004

Extractos da
imprensa Angolana
sobre questões sociais
e de desenvolvimento

CEDOC Dw

Centro de Documentação e Informação
Development Workshop
Luanda - Angola

O Extracto de notícias é um serviço do Centro de Documentação da DW (CEDOC) situado nas instalações da DW em Luanda. O Centro foi criado em Agosto de 2003 com o objectivo de facilitar a recolha, armazenamento, acesso e disseminação de informação sobre desenvolvimento socio-económico do País.

Através da monitoria dos projectos da DW, estudos, pesquisas e outras formas de recolha de informação, o Centro armazena uma quantidade considerável de documentos entre relatórios, artigos, mapas e livros. A informação é arquivada física e eletronicamente, e está disponível para consulta para as entidades interessadas. Além da recolha e armazenamento de informação, o Centro tem a missão da disseminação de informação por vários meios. Um dos produtos principais do Centro é o Extracto de notícias. Este Jornal monitora a imprensa nacional e extrai artigos de interesse para os leitores com actividades de interesse no âmbito do desenvolvimento do País. O jornal traz artigos categorizados nos seguintes grupos principais:

1. Redução da Pobreza e Economia
2. Educação, Juventude e Criança
3. Hiv/ Sida
4. Mercado Informal e Microfinanças
5. Governação e Descentralização
6. Paz e Reconciliação
7. Serviços Básicos
8. Terra, Habitação e Urbanização
9. Outros

As fontes monitoradas são:

- **Jornais:** Jornal de Angola, Agora, Semanário Angolense, Folha 8, Terra Angolana, Actual, A Capital, Chela Press, O Independente, Angolense, e o Semanário Africa.

- **Websites:** Angonoticias, Radio Nacional de Angola, Ibinda.

O Corpo das notícias não é alterado.

Esperamos que o jornal seja informativo e útil para o seu trabalho. No âmbito de sempre melhorar os nossos serviços agradecemos comentários e sugestões.

Grato pela atenção.

A Redação

Genérico

Redação Waldney Oliveira

Conselho de Edição e Revisão:

Allan Cain, Carlos Figueiredo, Beat Weber, Pacheco Ilinga, Katuzolo Paulina, Gelson Gaspar, Azancoth, Massomba Dominique

Editado por:

Development Workshop-Angola

Endereço:

Rua Rei Katyavala 113,
C.P. 3360, Luanda - Angola

Telefone:

+(244 2) 448371 / 77 / 66

Email:

cedoc.dwang@angonet.org

Com apoio de:

LUPP (Programa de Redução a Pobreza Urbana de Luanda), DFID e Embaixada da Noruega

INDICE

| | |
|--|-----------------------------|
| 1 Redução da Pobreza e Economia | 1 |
| 1.1 Produção de petróleo chegará aos 2 milhões barris/dia 2008..... | 1 |
| 1.2 Aguinaldo Jaime «namora» FMI..... | 1 |
| 1.3 BNA à margem da impressão das novas notas..... | 1 |
| 2.0 EDUCAÇÃO | 2 |
| 2.1 Universidade Independente Investe em Angola..... | 2 |
| 2.2 Universidades Namibianas recusam admissão de estudantes angolanos..... | 3 |
| 2.3 MED vai inserir deficientes visuais nas universidades..... | 3 |
| 2.4 Cabinda enquadra mais de 130 mil alunos..... | 4 |
| 3.0 HIV/SIDA | 4 |
| 3.1 HIV/Sida tem grande impacto nas crianças Angolanas..... | 4 |
| 4.0 MERCADO INFORMAL | 7 |
| 4.1 Vendedores do Rocha Parque insatisfeitos com mudança do mercado..... | 7 |
| 4.2 Mercados informal encerrados..... | 87 |
| 4.3 Governo rouba aos pobres..... | 8 |
| 4.4 Fiscal do GPL agredido por vendedores ambulantes..... | 98 |
| 4.5 Mercado do R. Pinto será transferido..... | 98 |
| 5.0 POLITICA | 9 |
| 5.1 Angolanos honram heróis do 4 de Fevereiro..... | 9 |
| 5.2 FLEC ataca coluna militar angolana em Nglésio e Prata..... | 10 |
| 5.3 Samakuva na Comissão de Gestão de Luanda..... | 1140 |
| 5.4 Polícia “trava” manifestação do PADEPA contra a corrupção..... | 11 |
| 5.5 Primeiro Ministro na cimeira de NEPAD..... | 11 |
| 5.6 Como morreu Savimbi?..... | 1244 |
| 5.7 O segredo do morto..... | 13 |
| 5.8 O que é feito da Jamba?..... | 1443 |
| 6.0 PAZ E RECONCILIAÇÃO | 1514 |
| 6.1 Reconstrução do país capta USD 30 milhões..... | 1514 |
| 6.2 Como resolver um conflito?..... | 15 |
| 6.3 IRSEM apresenta programa de desmobilização e reintegração..... | 16 |
| 6.4 ONG portuguesa assiste prostitutas de Luanda infectadas com SIDA..... | 16 |
| 6.5 PAM e Assistência Social ajudam 2.848 famílias em Malanje..... | 1746 |
| 6.6 Cerca de 220 Mil refugiados já regressaram ao país..... | 17 |
| 7.0 SERVIÇOS BASICOS | 1847 |
| 7.1 Luanda produz mais de 1500 toneladas de lixo por dia..... | 1847 |
| 7.2 Comerciantes disponibilizam USD 115 mil para saneamento básico..... | 1847 |
| 7.3 Luanda e os problemas da água..... | 18 |
| 7.4 A herança de S.Paulo e a missão de Higinio e pares..... | 2049 |
| 8.0 TERRA E HABITAÇÃO | 2120 |
| 8.1 Populares manifestam-se descontentes com novas habitações..... | 2120 |
| 8.2 Mais 52 famílias serão desalojadas da Boavista..... | 2120 |
| 8.3 Lei da terra vai beneficiar uma minoria..... | 2224 |
| 8.4 Governo incentiva discussão do Projecto de Lei de Terras..... | 2322 |
| 8.5 Descoberta indemnização não entregue..... | 2322 |
| 9.0 OUTROS | 2423 |
| 9.1 Data do início luta armada continua a gerar polémica..... | 2423 |
| 9.2 ONG desactiva 71 minas no município do Cubal..... | 2423 |
| 9.3 Herman José e o MPLA..... | 24 |
| 9.4 Empresário indiano morto em Luanda..... | 2524 |

1 REDUÇÃO DA POBREZA E ECONOMIA

1.1 Produção de petróleo chegará aos 2 milhões barris/dia 2008

VOA...11/02/04

Angola deverá fortalecer a sua posição como um dos principais fornecedores de petróleo aos Estados Unidos nos próximos anos ao mesmo tempo que a sua produção poderá atingir mais de dois milhões de barris de petróleo por dia antes do fim da década

Projeções de diversas companhias de consultoria citadas pela Voz da América indicam que só este ano a produção petrolífera angolana dever aumentar em 15 por cento, o que significa dizer que subirá para cima de um milhão de barris por dia. A companhia Wood Mackenzie estima que a produção de petróleo em Angola subirá para um milhão e oitocentos mil barris até 2007, e para mais de milhões até 2008. Esta companhia diz que este ano a produção deverá atingir pouco mais de um milhão de barris por dia. Enquanto isso a Merrill Lynch prevê que Angola venha a atingir uma produção diária de cerca de 2 milhões/dia até 2007. Por sua vez a Lehman Brothers indica que até 2010 Angola passe a produzir um milhão e 800 mil. A IHS Energy estima em um milhão e 700 mil barris por dia a produção de Angola em 2008.

O Deutch Bank por sua vez diz que só os blocos de águas profundas deverão produzir um milhão e 700 mil barris por dia.

Este aumento de produção de petróleo angolano vai também alterar a correlação de forças das grandes companhias de petróleo em Angola, onde tradicionalmente a Chevron/Texaco tem sido o principal operador estrangeiro. A EXXON que tem actualmente uma produção em Angola de cerca de 50 mil barris por dia deverá, tornar-se num dos grandes operadores de petróleo. Até 2010 deverá produzir cerca de 400 mil barris diários.

Analistas da Merrill Lynch prevêem que até 2007 a EXXON passe controlar 11 por cento da produção petrolífera angolana.

A EXXON vai, aliás tornar-se no maior investidor em Angola nos próximos três anos esperando-se que gaste 4 mil milhões de dólares nas suas operações no país. A TOTAL deverá transformar-se no maior operador estrangeiro em Angola com 19 por cento da produção total seguido da CHEVRONTEXACO e da BPAMOCO, ambas com 15 por cento, diz a Merrill

Lynch

1.2 Aguinaldo Jaime «namora» FMI

Semanário Angolense...20/02/04

Empossado há pouco mais de um ano no cargo de ministro-adjunto do Primeiro-Ministro tendo entre outras competências, a coordenação dos contactos com as organizações financeiras internacionais, Aguinaldo Jaime, dedicou a última semana a fazer jus a este título. De acordo com a Voz da América, começou no Brasil onde durante alguns dias analisou com as autoridades brasileiras a questão das relações comerciais entre os dois países, hoje por hoje assentes na questão de petróleo, linhas de crédito e arredores. Terminou em Washington onde chefiou uma delegação que foi apresentar ao FMI os ganhos de um ano de novas políticas. Aguinaldo Jaime levava na manga pontos suficientemente fortes para o restabelecimento de um novo diálogo entre Angola e o FMI: reformas macro-económicas conducentes à estabilização do país, traduzidas na estabilização da inflação e da taxa de câmbios. Angola tem também entre as suas cartas, a melhoria das receitas públicas que segundo um alto funcionário do Governo de Angola é um dos resultados de uma melhor organização e controlo de receitas fiscais. Com estes números em mente Angola espera atingir no final de 2004, uma taxa de inflação acumulada na ordem dos 30 por cento. O recomeço das consultas entre Angola e o FMI é entendida por alguns observadores como sendo mais um sinal de que as autoridades entenderam que precisam do patrocínio do FMI para obtenção de outros créditos, e melhoria da sua reputação. Terá concorrido para isso também o facto de que hoje em matéria de políticas económicas o Presidente José Eduardo do Santos, o Bureau Político do MPLA e o governo estarem a usar a mesma linguagem. Apesar disso e embora Angola tivesse sido recentemente felicitada pelo Fundo Monetário Internacional por ter aderido ao seu sistema de estatísticas a verdade é que as relações entre as duas partes continuam como que cinzentas, pois há mais de 6 meses que o FMI não tem delegado em Angola. Observadores em Washington estimam que Aguinaldo Jaime poderá não só ter convencido o FMI a voltar a colocar um delegado em Luanda, bem como a retomar os contactos. No passado todos os compromissos entre Angola e o FMI relativos à estabilização da economia e transparência foram interrompidos por decisão unilateral de Luanda.

1.3 BNA à margem da impressão das novas notas

A impressão de notas de valor facial mais elevado do que as que actualmente se encontram em circulação, uma operação autorizada pela Assembleia Nacional no fim do ano passado, está a passar ao lado do Banco Nacional de Angola (BNA).

Fontes dignas de crédito asseguraram ao *Semanário Angolense* que o BNA, a única entidade que tem suporte legal para mandar emitir dinheiro, nem sequer terá tido qualquer preponderância na escolha da empresa estrangeira que executará essa empreitada e também estará excluído do pagamento dessa transacção. Essas fontes disseram ao *Semanário Angolense* que a impressora das novas notas foi escolhida num universo de três empresas internacionais, mas que a opção das autoridades recaiu exactamente sobre aquela que pediu o valor mais elevado para executar a obra.

As empresas de que o Governo estudou as propostas foram a OBERTUR, da França, que solicitou 50 milhões de dólares para imprimir uma quantidade não precisada dessas notas; a Thomas Dellarue, da Grã-Bretanha, que pediu 42 milhões de dólares; assim como a CICCONE da Argentina, que pediu um montante que não pôde ser apurado por este semanário. De acordo com as fontes que forneceram estas informações, as autoridades escolheram para a empreitada exactamente a empresa que apresentou a proposta de preço mais elevada, a OBERTUR, em aparente contradição com o princípio da escolha da melhor oferta pelo menor preço que rege as aquisições de bens e serviços pelo Estado. As fontes disseram não compreender a opção que favoreceu a OBERTUR, quando se estava em presença de uma proposta de preço inferior como foi a da Thomas Dellarue, uma empresa que além de já ter impresso dinheiro para o BNA, produziu para Angola bilhetes de identidade de cidadão nacional, passaportes, cartas de condução e os cartões de eleitor do processo eleitoral de 1992, documentos concebidos com base em altos padrões de segurança.

Aliás, acrescentaram as fontes, veio a provar-se que a OBERTUR nem sequer tem capacidade para fazer face à magnitude da solicitação das autoridades angolanas, e acabou por sub-contratar a Thomas Dellarue para dessa forma dar conta da encomenda. Estimaram, contudo, que a proposta da CICCONE não seria em momento nenhum considerada. A essa empresa está ligado um filho do falecido ditador zairese Mobutu Sese Seko e para a sua má reputação conta a fama de produzir dinheiro em quantidades superiores às solicitadas pelos governos que solicitam serviços desse tipo.

O BNA também está excluído das transacções inerentes ao pagamento desse serviço, um esquema que envolve fornecimentos petrolíferos da Elf pagos a uma

famosa fundação privada angolana, que vai, finalmente, fazer chegar o dinheiro à OBERTUR. A fundação angolana que intermediará a operação ficará com 15 por cento do total da remessa destinada à francesa OBERTUR.

Nos últimos meses do ano passado, o governador do BNA, Amadeu Maurício, e o ministro das Finanças, José Pedro de Moraes, obtiveram, com muita relutância dos parlamentares, autorização da Assembleia Nacional para emitir notas de 200, 500, 1.000, 2.000 e dez mil kwanzas. Ambos disseram aos deputados que notas dessas fazem-se necessárias para diminuir os custos da impressão, e, também, para facilitar o transporte de dinheiro nas transacções comerciais. Amadeu Maurício explicou, entretanto, que o que estava a solicitar era uma «autorização genérica» para a emissão das notas de valor mais elevado, uma vez que pode dar-se o caso de não ser necessário mandá-las imprimir.

2.0 EDUCAÇÃO

2.1 Universidade Independente Investe em Angola

O Público...02/02/04

Cerca de 10 milhões de euros vão abrir portas a uma nova universidade em Luanda, captando cerca de 500 novos alunos

É com os olhos postos nas potencialidades oferecidas por novos mercados que a Universidade Independente (UnI), instituição portuguesa de ensino superior privado que celebra esta semana dez anos de existência, se lança em mais uma acção de internacionalização. Depois de uma experiência que já vem a ser desenvolvida no Brasil, com um pólo da UnI estabelecido em Santa Catarina, no Brasil, há cerca de seis anos, agora foi tempo de a universidade liderada por Luís Arouca se virar para Angola, com um projecto de investimento total que vai rondar os dez milhões de euros. O projecto da UnI é desta vez mais ambicioso. “Não se trata agora de abrir uma delegação ou um pólo da Universidade Independente em Angola, antes de lançar uma nova universidade por inteiro, que inclui um politécnico, um colégio e a própria universidade”, explicou ao PÚBLICO o vice-reitor da UnI, Rui Verde. O projecto assenta numa “joint-venture” acordada entre a Universidade Independente e um grupo de empresários e de pessoas de cultura angolanas. “É uma associação com as forças vivas locais”, explicitou Rui Verde, adiantando que este projecto se traduz em “um investimento na ordem de um milhão a um milhão e meio de euros em cinco anos” por parte da instituição de ensino superior portuguesa.

Procura crescente

A aposta em Angola justifica-se em muito por aí não se verificar a baixa de número de estudantes universitários que se verifica actualmente em Portugal. “A população mundial é jovem e a oportunidade de novos mercados encontra-se em países como Angola, onde existem 70 mil candidatos ao ensino superior para apenas sete mil vagas disponíveis.” Esta procura da internacionalização não é um caminho novo. Outras instituições de ensino privado portuguesas já abarcaram este conceito de expansão para países de expressão de língua portuguesa: a Universidade Lusíada está presente também em Angola e a Universidade Lusófona já esteve, de forma indirecta, em Moçambique. A nova UnIAngola, com os estabelecimentos a abrir em Maio próximo em Luanda, vai leccionar quatro licenciaturas: Ciências da Comunicação, Engenharia Civil, Engenharia Informática e Engenharia de Recursos Naturais e Ambiente. “Prevemos ir ter cerca de 500 alunos, calculando à volta de um pouco mais de 120 em cada uma das licenciaturas”, esclareceu ainda Rui Verde. Os cursos serão leccionados por corpos académicos formados por professores portugueses e angolanos, nos termos de um convénio assinado entre a UnI e os seus interlocutores no negócio em Angola, assentando parte dos seus esforços de recrutamento em “recém-licenciados pela Universidade Independente que vão assim regressar ao país de origem”.

2.2 Universidades Namibianas recusam admissão de estudantes angolanos

Semanário Angolense...13/02/04

Depois da “desfeita” de Sam Nujoma não ter referenciado a ajuda de Angola no dia da proclamação da independência da Namíbia, as relações entre ambos os países passam novamente por um período bastante tenso. Tudo porque este ano as autoridades namibianas recusaram o ingresso de qualquer angolano nas suas universidades, públicas ou privadas. Aparentemente, a posição do governo Namibiano tem a ver com alegadas falsificações de diplomas e ou certificados de habilitações literárias por parte de muitos estudantes angolanos que abalam para aquele país vizinho a fim de prosseguirem os seus estudos. A medida não afecta os alunos que já estão matriculados nos distintos estabelecimentos universitários daquele país. Mas mesmo os filhos de diplomatas que este ano pretendiam entrar em cursos superiores viram as respectivas candidaturas anuladas. Uma fonte angolana contactada via telefónica em Windhoek pelo Semanário Angolense disse tratar-se de um falso problema, pois os documentos comprovativos das habilitações literárias

são reconhecidos pela embaixada da Namíbia em Angola e pelo ministério dos Negócios Estrangeiros daquele país. Para a nossa fonte, o problema é que em todos os níveis de ensino há muitos estudantes angolanos e isso está a fazer confusão aos Namibianos. “Há casos de turmas em que há mais angolanos do que Namibianos e eles não encaram esta situação de bom grado”, explica para depois acrescentar que “há também uma pontinha de inveja porque geralmente os alunos saídos de Angola são bastante aplicados e, em muitos casos, melhores que os nativos”. Neste capítulo, e fazendo fé na fonte que vimos citando, é que está o maior problema. “Normalmente as instituições de ensino privado oferecem bolsas de estudo para o curso superior ou de pós-graduação aos melhores alunos. Como os angolanos têm abocanhado a parte de leão dessas bolsas, o governo namibiano está bastante preocupado, pois os seus cidadãos, em função das notas que tiram, têm sido preteridos em favor dos angolanos. Mas regras são regras”, esclareceu. Ainda de acordo com a nossa fonte, esta situação está a deixar as autoridades Namibianas com os cabelos eriçados, pois temem que isso pode levar a que nos próximos tempos não tenham quadros nativos suficientemente competentes, como seria desejo delas. Esta questão deverá ser levantada pelo Presidente da República, José Eduardo Dos Santos, quando no próximo mês de Março visitar oficialmente a Namíbia. O que não se sabe é a desculpa que o seu homólogo namibiano, Sam Nujoma, vai apresentar para justificar esta atitude de manifesta segregação.

2.3 MED vai inserir deficientes visuais nas universidades

Jornal de Angola...17/02/04

Dentro das várias actividades que aquela secção do MED tem desenvolvido diante das pessoas com necessidades educativas especiais consta, entre outras, a inserção de estudantes com deficiências visuais nas universidades do país. É assim que pelo menos 5 deles estão a frequentar a Universidade Agostinho Neto, dos quais três na Faculdade de Direito e duas alunas que acabaram por ingressar, este ano, no núcleo da UAN em Benguela, outros três alunos cegos estudam na Universidade Lusíada de Angola. Nos institutos médios, o número de candidatos cegos e os já enquadrados com deficiências visuais tem aumentado a cada ano, disse Lourdes para quem “é responsabilidade do Ministério em continuar a apoiar estas pessoas, mas que também é dever de todos os membros da sociedade colaborarem para o bem dessas pessoas”. O MED está a aperfeiçoar os conhecimentos dos professores em matéria de linguagem gestual, bem como capacitar os novos técnicos do sector para que ao

entrarem em contacto com os alunos possam fazê-lo da melhor maneira, daí apelar “as pessoas que convivem em casa, na rua, em qualquer lugar com deficientes visuais, auditivos ou com problemas de dicção devam procurar pelos serviços do instituto para que as pessoas portadoras de deficiências possam se sentir enquadradas na sociedade”. O desenvolvimento do ensino especial, no país, consta do programa do Governo denominado “Educação para todos até 2015”, visando proporcionar condições ótimas à população escolar com necessidades educativas especiais (cegos, surdos e mudos).

2.4 Cabinda enquadra mais de 130 mil alunos

Angop...7/02/04

O ano lectivo 2002/2003 vai contar com 130 mil alunos dos diferentes níveis de ensino, afirmou o director da Educação, Ciência e Tecnologia em Cabinda, Domingos Kimpolo lau.

Na sua intervenção, durante a cerimónia do início do ano lectivo 2003, Kimpolo lau sublinhou que as previsões são de cerca de 58 mil crianças para o I nível, mais de 30 mil no II e III níveis do ensino de base, 15 mil no ensino de adulto e regular do I e II níveis, enquanto no ensino médio a cifra atingiu os 10 mil matriculados.

O governador de Cabinda, Aníbal Rocha, disse que o governo provincial tem como prioridade na sua acção governativa acabar com a falta de tectos escolares que ainda se regista nas cidades de Cabinda e BucoZau.

"Esta acção está sublinhada no pacote de medidas do Governo como prioridade das prioridades, visto que a necessidade ainda se faz sentir, devido à explosão escolar na região"; afirmou.

Aníbal rocha enalteceu ainda a parceria existente entre a Lactiangol e o Governo, na oferta de merendas escolares, acção que teve início no ano lectivo findo.

Mais de 56 mil crianças em todas as escolas do I nível da região beneficiaram de merenda escolar, um projecto que logrou êxitos e elogios por parte de encarregados de educação e pais.

Para este ano, o Governo de Cabinda e a Lactiangol aumentaram o número de beneficiados para 58 mil crianças.

. No discurso que deu início o ano lectivo 2003, o governador anunciou estar em vista mais um projecto

escolar, desta vez a confecção de batatas nas municipalidades, visando dar outra imagem à roupa escolar.

O projecto não foi concebido nesta primeira etapa porque, ainda faltam condições nos municípios para a instalação de pequenas alfaiatarias, tarefa que caberá aos administradores municipais. Além de beneficiar os alunos, a medida criará postos de trabalho.

3.0 HIV/SIDA

3.1 HIV/Sida tem grande impacto nas crianças Angolanas

Jornal de Angola...16/02/04

“As crianças são o presente de Angola. É de importância estratégica que o bem estar e desenvolvimento ocupem o primeiro lugar entre os objectivos e políticas de Angola para a reconstrução e o desenvolvimento nacional. Não podemos esquecer que os menores de 18 anos constituem 60 por cento da população e as crianças com menos de 15 anos são 50 por cento de todos os angolanos.” Mário Ferrari, representante do Unicef em Angola

Mães desconhecem infecção vertical

Mais da metade das mulheres angolanas não sabem que o HIV pode ser transmitido de mãe para filho, de acordo com o Inquérito de Indicadores Múltiplos realizado pelo Unicef e Instituto Nacional de Estatística (INE), com vista a avaliar a situação da criança e da mulher angolana no início do milénio. No que diz respeito aos mecanismos específicos através dos quais a transmissão de mãe para filho pode ocorrer, 55% de mulheres não sabem que o HIV pode ser transmitido durante a gravidez, 38% durante o parto e 34% através do leite materno. Observam - se padrões similares aos verificados quanto aos conhecimentos sobre prevenção e prevalência de concepções erradas sobre HIV. Uma maior proporção de mulheres tem conhecimentos adequados sobre a transmissão de HIV de mãe para filho, isto é, entre o grupo sócio - economicamente menos vulnerável, mais jovem e que vivem na região capital.

Unicef aposta na educação

A educação é factor importante para a protecção e prevenção das crianças e jovens contra o HIV/Sida. O Fundo das Nações Unidas para Infância (Unicef) defende esta política e por este motivo aposta na criação de lugares onde os jovens possam colaborar na estabilização de um ambiente saudável. Segundo a coordenadora do programa de prevenção do HIV/Sida

do Unicef, Melanie Luick o projecto Jango Juvenil é uma grande inovação, já que a falta de ocupação dos tempos livres, aliada ao elevado índice de jovens desfavorecidos socialmente, assim como a falta de oportunidades de formação profissional propicia comportamentos de riscos à juventude.

A ideia de um centro para jovens, designado Jango Juvenil, surge no intuito de contribuir para a mudança de comportamentos e atitudes dos jovens em relação à saúde reprodutiva. Isso inclui a importância do retardamento da actividade sexual, incentivo para o uso do preservativo para evitar gravidez não planificada, testagem voluntária, aconselhamento, conhecimento e tratamento das Infecções de Transmissão Sexual (ITS), com relevância para o HIV/Sida. O Jango Juvenil oferece igualmente a possibilidade de formação técnica e profissional em diversas áreas como inglês, alfabetização, informática e secretariado, havendo igualmente actividades recreativas e desportivas como exibição de filmes, teatro, concursos de dança, prática de futebol, andebol entre outras modalidades. O Jango Juvenil existe na província de Cabinda, Benguela, Huíla e Luanda.

Josina de Carvalho

Em Angola não há dados concretos sobre o impacto do HIV/Sida nas crianças e órfãs, suas condições de vida e sobre a dinâmica de funcionamento das famílias com membros infectados. O Plano Estratégico Nacional apresenta uma estimativa do impacto da doença nas crianças menores de 15 anos durante o ano em dois possíveis cenários nomeadamente o baixo e alto impacto. O primeiro cenário estima que este ano 41 mil e 34 crianças estarão infectadas, sendo 20 mil e 700 do sexo masculino e 20 mil e 334 feminino. 19 mil e 216 novas infecções poderão ser registadas, resultante do somatório de nove mil 843 do sexo masculino e nove mil 374 para o feminino. Estima-se que durante o ano, dez mil e 797 novos casos de Sida poderão surgir, entre os quais cinco mil e 500 para os meninos e cinco mil 297 para as meninas. Este número é aproximado ao de mortes (dez mil e 248) que de acordo a estimativa poderá se registar durante o ano. No segundo cenário (alto impacto) verifica-se que o número de crianças infectadas sobe para 43 mil e 518, sendo 21 mil e 966 do sexo masculino e 21 mil 552 feminino. As novas infecções aumentarão igualmente para 21 mil e 658, dividida por sexo, masculino (11 mil e 93) e feminino (10 mil 565). Relativamente aos novos casos de Sida o número eleva para 11 mil 857, entre os quais seis mil e 41, masculino e cinco mil 815 feminino. As mortes anuais aproximam-se entre cinco mil e 702, masculino e cinco mil 538 feminino, num total de 11 mil e 239 crianças.

O estudo realizado em Luanda pela associação Luta Pela Vida (LPV), financiado pela Save The Children/Noruega sobre a “Criança, família e HIV/Sida”, numa amostra de 152 crianças menores de 18 anos, demonstrou que um número muito elevado vive em situação de vulnerabilidade e carência, sendo 84,4% órfãs como consequência da guerra, de acidentes ou de doenças em particular do HIV/Sida. Neste grupo a maioria das crianças órfãs de Sida vivem no seio das famílias alargadas, frequentemente ao cuidado de pessoas sem emprego (50.7%) e sem capacidade para lhes oferecer os cuidados necessários incluindo o acesso à educação. 64 % das crianças consideradas no estudo não frequentou a escola no ano lectivo anterior e apenas 21% recebe algum apoio proveniente principalmente das famílias e instituições religiosas. E fruto da falta de informação, 61% das crianças inquiridas disseram não aceitarem viverem com pessoas infectadas pelo HIV. Controlar a propagação do HIV/Sida é sem dúvida o maior desafio de saúde pública nos tempos que correm, tanto a nível global como a nível regional. O compromisso pelos Chefes de Estados Africanos em parar com o avanço da epidemia durante a conferência sobre HIV/Sida realizada em Abril de 2001, em Abuja (Nigéria) é prova disso. Para além do compromisso pessoal na luta contra o HIV, os líderes africanos comprometeram-se igualmente em fixar 15% do orçamento governamental para o sector de saúde. A sessão especial da Assembleia Geral das Nações Unidas (UNGASS) sobre HIV/Sida realizada em Junho de 2001 representou um esforço extraordinário da liderança política global em agir de forma coordenada e eficaz sobre a epidemia. Em Angola, a questão do HIV/Sida está a ser abordada ao mais alto nível de decisão política através da Comissão Nacional de Luta contra a Sida, que sendo presidida pelo Presidente da República incluiu ainda representantes de todos os ministérios. Apesar da falta de informação geral sobre a escala da epidemia em Angola existem indícios de que o HIV/Sida se está a propagar rapidamente. Por um lado, por causa da população deslocada e sua convivência com os militares e, por outro, devido ao baixo nível de educação e elevado índice de pobreza entre outros factores de risco associados a propagação acelerada da epidemia. A estratégia mais importante para limitar a evolução da epidemia, segundo especialistas do Unicef e da Onusida é promover conhecimentos adequados sobre transmissão e prevenção que levam à mudanças significativas de comportamento.

Menores atingidos beneficiam de assistência

Cerca de 200 crianças infectadas e afectadas pelo VIH/Sida beneficiam de assistência médica, medicamentosa, alimentar e apoio em termos de

material didáctico através do projecto “Padrinhos pela Vida” levado a cabo pela associação Luta Pela Vida (LPV). Carlos Aragão conta que a iniciativa nasceu desde o momento em que a LPV passou a prestar assistência voltada exclusivamente para os adultos. “Nós vínhamos constatando que muitos desses adultos tinham filhos de tenra idade (de 1 a 5 anos) que ficavam constantemente doentes e na maior parte das vezes morriam e por isso pedimos a eles que levassem as suas crianças para fazerem o teste de Sida. Constatamos que muitas dessas crianças estavam também infectadas e que, à semelhança dos adultos, necessitavam de assistência”. Inicialmente o projecto envolveu 24 crianças provenientes de famílias com poucos recursos económicos, cujos chefes de famílias preocupados com a sua condição de seropositivo ficaram sem recursos para arcar com as despesas do lar e assumir as suas responsabilidades. Mais tarde (seis meses depois) fruto de assistência prestada a muitos agregados familiares o número alargou para 49. Mas, existe um número maior de beneficiários indirectos (crianças afectadas pertencentes ao mesmo agregado familiar), cerca de 150. Estas beneficiam de forma indirecta do kit alimentar que cada criança infectada recebe de dois em dois meses na organização. Porém, o impacto da doença nas crianças é tanto mais forte, na visão de Carlos Aragão, nas famílias pobres uma vez que as necessidades aumentam contrariamente ao rendimento do chefe de família. Este, que por sua vez, preocupa-se primeiro em obter recursos para responder a sua situação sócio-lógica, isto é, melhor a dieta alimentar e fazer os respectivos tratamentos, esquecendo no entanto de assumir as suas responsabilidades no lar, em que as crianças são as mais lesadas. O projecto “Padrinhos pela Vida” tem um fundo sustentado por pessoas individuais e colectivas sensibilizadas com a situação das crianças que sofrem por causa do VIH/Sida. O dinheiro arrecadado é gasto em função dos problemas identificados previstos aquando da concepção do projecto. A associação Luta Pela Vida fundada há quatro anos, no intuito de contribuir para a redução do impacto negativo do VIH/Sida nos indivíduos, famílias e comunidades desenvolve igualmente o projecto “Solidariedade”. Tem haver com o associativismo infanto - juvenil em que crianças e adolescentes desenvolvem actividades recreativas e culturais desde a dança, teatro, jogos entre outras com objectivo de promover o espírito de solidariedade para com as pessoas que vivem com HIV e apelar a prevenção. A LPV conta com apoio financeiro, material e técnico de organizações internacionais e instituições nacionais envolvidas na luta contra a epidemia.

Medo, silêncio e estigma

Quanto mais elevado é o nível sócio – económico e

educacional da população, maior é a tendência para uma atitude discriminatória para com as pessoas que vivem com HIV/Sida. No Inquérito de Indicadores Múltiplos (MICs), a população de nível sócio - económico mais elevado mostrou ter uma probabilidade sete vezes maior de conhecimentos sobre HIV/Sida do que a população de nível económico mais baixo. No entanto, tem (o grupo sócio - económico mais elevado) também uma maior probabilidade de atitude discriminatória em relação a indivíduos que vivem com o HIV. De uma forma similar, as pessoas com educação secundária e superior tem uma probabilidade três vezes maior do que as que não tiveram qualquer instrução de terem uma atitude discriminatória em relação as pessoas infectadas. Este resultado revela a importância da “cultura de silêncio” e do estigma social que existe em relação à doença, um factor que muito contribui para a rápida expansão do HIV/Sida. A prevalência de atitudes discriminatórias indica que os conhecimentos sobre transmissão e prevenção permanecem parciais e confusos mesmo entre os grupos que demonstram ter conhecimento básicos suficientes sobre o HIV e o Sida. Este resultado aponta ainda para a necessidade urgente de encontrar formas de quebrar o silêncio acerca do HIV e pôr fim ao estigma que o rodeia de forma a lutar eficazmente contra a epidemia.

Metas das Nações Unidas

Até 2005, os governos devem assegurar que 90%, e até 2010, 95% dos jovens (15 a 24 anos) tenham acesso a informação e educação para que os jovens possam desenvolver as habilidades necessárias para reduzir a sua vulnerabilidade à infecção por HIV. Estes serviços deverão ainda ser desenvolvidos em parceria com os jovens, famílias, educadores e profissionais de saúde. No mesmo período, os governos, por decisão da assembleia geral das Nações Unidas, devem desenvolver acções para reduzir a proporção de crianças infectadas (20% até 2005 e 50% até 2010). Estas acções devem garantir que 80% das mulheres grávidas com acesso aos serviços pré-natais tenham ao seu dispor informação, acompanhamento e outros serviços preventivos. Por outro lado quer-se ainda aumentar o acesso das mulheres infectadas a tratamento adequado para reduzir a probabilidade de transmissão do HIV. A última medida consiste em realizar intervenções que beneficiam directamente as mulheres infectadas: testes voluntários e acompanhamento, acesso a tratamento, especialmente drogas retrovirais e, se apropriado, substitutos do leite materno e tratamento continuado. No que diz respeito as crianças órfãs pelo HIV/Sida estes devem implementar igualmente até 2005 políticas e estratégias nacionais para construir e fortalecer as capacidades

governamentais, familiares e comunitárias de forma a criar apoios. Por outro lado, assegurar a não discriminação dos órfãos para que possam exercer plenamente os seus direitos humanos promovendo uma política activa de não estigmatização das crianças órfãs ou tornadas vulneráveis pelo HIV/Sida.

3.2 ONG portuguesa assiste prostitutas de Luanda infectadas com SIDA

Notícias Lusofonas...06/02/04

A clínica móvel que o Instituto Português de Medicina Preventiva (IPMP) tem a funcionar desde o início do mês em Luanda está a atender, em média, meia centena de prostitutas por dia, informou hoje o responsável por aquela unidade. A clínica móvel destina-se a atender pessoas infectadas com doenças sexualmente transmissíveis, permitindo ainda a realização de testes para detectar o vírus da SIDA. "Numa primeira fase, a clínica está a atender as prostitutas da capital angolana", afirmou Manuel Pedro, responsável por esta unidade móvel de saúde, em declarações à Agência Lusa. Segundo Manuel Pedro, a clínica, que começou a funcionar há cerca de uma semana, tem registado um atendimento médio de "50 a 60 pessoas por dia". "Com as prostitutas, como é um programa que tem de funcionar das 18:00 às 24:00, por questões de segurança, centralizamos o nosso trabalho no centro da cidade", acrescentou. Posteriormente, com o apoio das forças policiais, o IPMP pretende alargar o serviço às zonas suburbanas de Luanda. Durante o dia, a clínica movimenta-se nas ruas de Luanda, parando junto de mercados e escolas, onde divulga mensagens sobre os cuidados a ter para evitar a SIDA e as doenças sexualmente transmissíveis. A clínica resultou de uma doação da cooperação italiana, no montante de 30 mil dólares (23,9 mil dólares), tendo o seu equipamento sido feito pelo IPMP. O Instituto Português de Medicina Preventiva tem também a funcionar no Ambriz, província do Bengo, um centro de controlo da SIDA e de doenças sexualmente transmissíveis. Este centro, que abriu em Janeiro, resulta de uma parceria com as Forças Armadas Angolanas. "No final de Fevereiro, esperamos abrir outro centro nos municípios de Ondjiva e de Santa Clara, na província do Cunene", anunciou Manuel Pedro. O IPMP instalou ainda laboratórios nos centros hospitalares dos Cajueiros e de Kilamba Kiaxi, ambos em Luanda, vocacionados para detectar células CD-4 em doentes seropositivos, especialmente em mulheres grávidas. "Estes aparelhos permitem detectar a quantidade de células CD- 4 que elas têm, tendo em vista o seu posterior tratamento", afirmou. O Instituto Português de Medicina Preventiva é uma organização não-governamental que opera em

Angola desde 1994, sendo um parceiro activo do governo no combate à doença do sono em Angola.

4.0 MERCADO INFORMAL

4.1 Vendedores do Rocha Parque insatisfeitos com mudança do mercado

Angop...11/02/04

Os vendedores do mercado do Rocha Pinto (vulgo Rocha Parque), no município da Maianga, mostraram-se hoje descontentes com a sua transferência para o recinto da areia vermelha, na sequência de um programa da Comissão de Gestão da província de Luanda.

O descontentamento resulta sobretudo da distância e dificuldades de transporte para o novo local, situado nas proximidades do Bairro Militar, a sul de Luanda. Segundo vendedores, o recinto fica muito distante dos seus locais de residência e também dos clientes, facto que cria embaraços nos seus negócios. De acordo com a vendedora Maria das Dores, o negócio vai sofrer grandes prejuízos, uma vez que os seus clientes, já acostumados a comprar os produtos no Rocha Pinto, terão inúmeras dificuldades de se deslocarem para a nova área. Argumentou que, apesar de alguns deles terem transporte próprio ou de serviço, a maioria não tem, sendo esses os que mais contribuem para o bom andamento do negócio.

Por seu lado, Manuel José, também vendedor, diz ser uma mudança benéfica, na medida em que encurta a distância entre a sua casa e o actual mercado. "É verdade que no começo teremos muitas quebras no negócio e algumas dificuldades de adaptação, mas são coisas com as quais poderemos familiarizar com o andar do tempo", frisou.

O mercado do Rocha Pinto servia, além do comércio informal, de parque (destino) para viaturas provenientes das províncias do Kwanza-Sul, Benguela, Huambo, Huíla e outras. A medida de transferência do mercado foi anunciada domingo aos vendedores pela administração municipal da Maianga, por forma a permitir a construção de um novo mercado no mesmo local, seguindo um programa da Comissão Administrativa de Gestão da província de Luanda, coordenada por Higinio Carneiro.

O mercado a ser reestruturado está localizado na comuna do Rocha Pinto, cuja população é estimada em 850 mil habitantes.

4.2 Mercados informal encerrados

VOA...11/02/04

Vendedores do mercado informal do Benfica invadiram nesta terça-feira de manhã a Administração Comunal do Benfica. Munidos de paus e pedras, os vendedores enfurecidos queriam uma explicação sobre a destruição do local, onde até ontem exerciam a sua actividade. Na altura, o Administrador, de sobreaviso, não se encontrava ainda no seu gabinete. A polícia, alertada por alguns moradores, chegou a tempo de socorrer uma das funcionárias da Administração e dispersar o motim. Eugénia de Fátima estava ainda perturbada quando foi abordada pelo “Apostolado”. “Estava aqui muita gente, queria falar com o senhor Administrador e ameaçavam bater e partir as secretárias. Queriam agredir-me, mas eu não sou culpada de nada e graças aos senhores que aqui estavam e depois à polícia é que evitaram isso”.

A Administração e a rua a que ela dá acesso estava, pelo menos durante toda a manhã, sob estreita vigilância do corpo de polícia. Uma outra brigada com polícias apeados e em viaturas mantinham-se no mercado, onde os vendedores se mostravam irredutíveis com os olhos pregados no tractor que limpava os escombros.

O GANHA-PÃO DAS VENDEADORAS

Ao “Apostolado”, as vendedoras afirmaram desconhecer o motivo da destruição do mercado, mas reconheceram terem sido avisadas a semana passada para deixarem de o frequentar.

Conceição Domingos, antiga nas vendas naquele sítio, disse que foram encaminhadas para um grande quintal do matadouro, alguns metros mais adiante. “O senhor Armindo disse que podemos vender lá, mas temos que pagar 50 dólares de entrada e semanalmente 100 kwanzas.” Elas querem aderir à proposta, mas receiam que seja por pouco tempo. “A qualquer momento ele vai precisar daquilo para pôr lá a empresa dele e depois como é que ficamos?”, questionavam-se. Sem essa actividade, os vendedores não sabem ainda para onde ir e o que fazer. Querem um outro lugar porque a vida, dizem, vai piorar. “O mercado e que é o nosso marido, onde sai o pão dos nossos filhos, o marido espera o fim do mês”, lamentavam-se.

No terreno baldio, uma tabuleta informa que o lugar está “reservado às seguintes infra-estruturas públicas: balneário, paragem de autocarro com sombreiro,

enraxedaria e parque de estacionamento”.

Desde 1989, o mercado do Benfica era o maior daquela parte do sul de Luanda com mais de 2 mil pessoas. Ali encontrava-se todo o tipo de produto. Mas ultimamente vendedores, compradores, lixo e artigos confundiam-se numa grande confusão.

OUTROS MERCADOS ENCERRADOS

Fechado foi também o mercado da “Estalagem” na via que liga Luanda a Viana. A praça informal foi transferida para novas instalações no interior de Viana, mas concebido para apenas 2 mil pessoas. O da “Estalagem” albergava mais de 8 mil vendedores. Enquanto existiu, o mercado era um verdadeiro transtorno à circulação rodoviária sobretudo nas horas de ponta.

Foi igualmente encerrado o mercado do “Parque” no eixo rodoviário que dá acesso ao Benfica, sul de Luanda. Este constituía igualmente um problema para os automobilistas, que circulavam para qualquer das duas direcções.

Tal como no primeiro, o lixo tomou as imediações dos outros dois mercados. A situação tomou proporções alarmantes na “Estalagem”, com montanhas de lixo a desenharem um quadro quase dramático

O fecho desses mercado enquadra-se na tentativa de melhoria do saneamento básico de Luanda iniciado há algum tempo atrás e que agora a Comissão de Gestão Administrativa pretende acelerar dadas as condições da capital.

4.3 Governo rouba aos pobres

Folha 8...14/02/04

O Governo provincial acabou com os mercados da Estalagem e Rocha Pinto, e quer também atacar-se a breve trecho ao Roque Santeiro. Tudo isso faz parte de uma alta estratégia económica, fruto de sapientes estudos. A ideia talvez seja correcta, os economistas são pagos para resolver esse tipo de problemas e ninguém nega que o mercado informal pode criar desequilíbrios nefastos na planificação global da actividade económica do País. O Roque Santeiro, por exemplo, que tem por origem as carências que se atribuíram à guerra, e continua a absorver depois desta ter acabado grande quantidade de produtos provenientes das mais variadas origens, armazéns de todas a espécie, hospitais, FAA, Polícia, ONG, etc., numa patente manifestação de roubo organizado em detrimento da sociedade, influencia evidentemente a postura da nossa economia. É certo é que, para atingir um nível aceitável de

credibilidade nos futuros programas económicos, impunha-se de facto acabar com esses gigantes do mercado informal. Mas antes de o fazer, devia-se ter levado em consideração o lado muito positivo que esses mercados patentearam ao longo destes últimos anos: o de permitir que milhares de famílias sobrevivessem, e, certamente também, que milhares de jovens Angolanos fugissem da tentação que os poderia levar à delinquência. Mais uma vez, é inacreditável o que está a acontecer: sem o mínimo respeito por nada nem por ninguém, sem o mínimo cálculo das consequências que podem advir de tão brusca decisão, sem avisar, sem considerar o facto de que todas essas pessoas com bancada nos mercados pagavam todos os dias 200, 300 e mesmo 400 kwanzas a verdadeiros e pretensos fiscais, os quais aparentemente faziam desaparecer como que por encanto o dinheiro que cobravam, pois não se vê a mínima contrapartida a favor dos mercadores e kitandeiras e... e de repente, ACABOU! Não há nenhuma explicação a dar, ACABOU A ESTALAGEM, ACABOU O ROCHA PINTO! ACABOU! E agora? Quem vai indemnizar estas pessoas que, apesar de terem criado os mercados por sua iniciativa, sempre pagaram contribuições diárias ao Estado? Onde foi esse dinheiro, que nunca beneficiou benfeitorias? O Estado deve ser visto como uma figura de bem e não como uma entidade mafiosa, que suga o mais fraco e depois o quer degolar. Mais uma, agora é Raspadinha

4.4 Fiscal do GPL agredido por vendedores ambulantes

Angop...17/02/04

Um fiscal do Governo da Província de Luanda ficou gravemente ferido após ter sido agredido por certa de 20 vendedores ambulantes ilegais nas imediações do mercado São Paulo.

Segundo testemunhas, o fiscal Francisco Gonçalves foi agredido quando tentava interpelar um cidadão que, nos arredores, transaccionava cerca de 100.000.00 Kz com kinguilas nos arredores.

Francisco Gonçalves foi assistido num dos centros de, do Sambizanga onde lhe aplicaram 12 pontos na cabeça. Como consequência da agressão perdeu o telemóvel e o rádio de comunicações.

4.5 Mercado do R. Pinto será transferido

Angop.../8/02/04

O mercado do Rocha Pinto (vulgarmente conhecido por mercado do Rocha/Parque), no município da Maianga, será transferido nos próximos dias para locais

provisórios até a construção de um novo, anunciou a Administração municipal da Maianga, em Luanda.

Numa nota de imprensa assinada pelo administrador da "Maianga, Eduardo Fernando, a gerência do município informa que a transferência do mercado insere-se no programa de trabalhos da Comissão Administrativa de Gestão da província de Luanda.

Assim, a Administração municipal da Maianga convoca os vendedores do referido mercado e proprietários de quintais da zona para uma reunião às 09H00 de hoje, domingo, 8, no mesmo local para esclarecimentos sobre o assunto.

Para além do comércio informal, o mercado do Rocha Pinto serve de parque para as viaturas provenientes das províncias do Kwanza-Sul, Benguela, Huambo entre outras.

O mercado está localizado na comuna do Rocha Pinto (Maianga) cuja população é estimada em 850 mil habitantes.

5.0 POLITICA

5.1 Angolanos honram heróis do 4 de Fevereiro

Ebonet.net... 04/02/04

~~A efeméride decorre sob o lema "Unidos pela Reconstrução de Angola".~~

~~Sob o lema "Unidos pela Reconstrução de Angola" o povo angolano, mais do que comemorar, torna realidade e exequível o projecto de liberdade, dignidade, união e desenvolvimento iniciado no dia 4 de Fevereiro de 1961, por um grupo de destemíveis e corajosos compatriotas que, pela mesma causa, sacrificaram as próprias vidas. Numa acção de elevado heroísmo e munidos apenas de catanas e paus, um grupo de cerca de 3.200 nacionalistas angolanos "ousou" golpear os pontos sensíveis das forças de ocupação e colonização portuguesa, mostrando ao mundo que poderio nenhum podia resistir aos anseios de liberdade e autodeterminação de um povo. Com uma disparidade de meios humanos e bélico, estes compatriotas, reconhecidos como Os Heróis do 4 de Fevereiro, "fizeram soar as trombetas" para o início da luta armada de libertação nacional, que viria a culminar com a proclamação da independência, a 11 de Novembro de 1975. Hoje, decorridos 43 anos, o povo~~

angolano trilha, ao longo de todos estes tempos, as pegadas por eles marcadas. Contudo, os espinhos com diversificados e desenvolvidos gumes foram incapazes de desviar ou anular os angolanos de caminharem em direcção à paz, à estabilidade, à liberdade, à reconciliação, à justiça social e ao desenvolvimento sócio-económico do País.

A observância da paz e as transformações políticas e sócio-económicas, visando o desenvolvimento sustentável de Angola, constituem das mais nobres formas de honrar os Heróis do 4 de Fevereiro, cuja acção a história se encarrega de perpetuar para conhecimento e inspiração das gerações vindouras. Para a insurreição contra a ocupação colonial portuguesa, foram mobilizados cerca de 3.000 combatentes, divididos em 10 grupos com diferentes missões, tendo como comandante geral o malogrado Paiva Domingos da Silva. Entre os combatentes, estava uma jovem de 16 anos de idade, Engrácia Francisco, única mulher que participou da acção, tornando-se, por isso, a rainha do 4 de Fevereiro. Actualmente ostenta a patente militar de General na reserva. Com os grupos constituídos, dava-se então início, na zona da pedreira, em Cacuaco, o treinamento dos combatentes no manuseamento de catanas e paus. Devido a um voo nocturno da Polícia Internacional de Defesa do Estado Direcção Geral de Segurança (PIDE-DGS) na área, mudam-se para o bairro Cazenga, actual mareo histórico do 4 de Fevereiro. Deste local, na madrugada do dia 4 de Fevereiro de 1961, partiram os destemíveis angolanos que, apenas munidos de catanas paus e foguetes, atacaram as cadeias com intuito de libertar alguns compatriotas ali encarcerados. Saturados da exploração, injustiça social, humilhação e outras atrocidades a que estavam submetidos pelo regime colonial português, os combatentes angolanos visaram, além das cadeias da Casa Reclusão e de S. Paulo, a emissora oficial, a quarta esquadra e o aeroporto. Os objectivos da acção não foram satisfatórios, devido a desproporção de armas entre os dois lados, embora se tenham registado baixas entre a polícia portuguesa. Dia seguinte ao levantamento nacionalista, a acção repressiva colonial saldou-se em mais de três mil mortos e a prisão arbitrária de centenas de angolanos.

Contudo, os serviços de propaganda colonial portuguesas atribuíam a revolta à forças lumumbistas a partir do Congo. Facto porém desmentido durante o funeral das baixas dos colonialistas, com mais um ataque protagonizado por um outro grupo de patriotas angolanos no cemitério da Santa Ana. Sem digerir ainda a revolta que já despertava a atenção de alguns países, incluindo europeus, os colonialistas portugueses

viram-se abalados, cerca de um mês depois, a 15 de Março, com uma outra acção militar protagonizada pela União dos Povos de Angola (UPA) contra as fazendas dos indivíduos de raça branca, ligados ao regime colonial português no Norte do país. Como resposta, o regime fascista português reforçou a sua presença militar em Angola passando de um contingente de menos de 10 mil para um efectivo de 30 mil, em 1961. Em 1966 esse número atingiu os 60 mil, e em 1974 estavam em Angola 65 mil soldados portugueses. A polícia política secreta PIDE-DGS reerudescceu a sua acção em Luanda e alargou logo as suas actividades para o Sul do país, ao mesmo tempo que passou a controlar e vistoriar mais de perto as actividades das missões protestante, baptista e metodista, devido ao facto de muitos nacionalistas, na altura, beneficiarem da protecção dos missionários.

Apesar disso, os angolanos puderam contar e beneficiar de maior solidariedade e ajuda internacional que em muito ajudou na luta armada de libertação contra o colonialismo português.

A partir daí, os angolanos têm sabido, inspirados pelos ideais dos heróis do 4 de Fevereiro, unir-se em torno de um mesmo objectivo para conduzir Angola rumo à reconstrução e desenvolvimento.

Por: Domingos Guilherme Jornalista da ANGOP Artigo publicado pela Agência de Informação

-5.2 FLEC ataca coluna militar angolana em Nglésio e Prata

Ibinda.com...06/02/04

Cabinda — Após as tensões que pautaram as celebrações do Primeiro de Fevereiro, a FLEC Plataforma acusa o Governo angolano de recusar o diálogo e anuncia novas acções entre as localidades de Nglésio e Prata que resultaram na morte de sete soldados angolanos.

Num comunicado difundido à imprensa, o chefe de estado maior da FLEC Plataforma, Adolfo Martinho Malanda, lamenta «que apesar do seu empenho político e militar em busca duma solução pacífica do conflito em Cabinda, a recusa do Governo de Angola ao diálogo, as insistentes declarações triunfalistas do seu governador em Cabinda, as constantes violações pelas Forças Armadas Angolanas (FAA) dos direitos dos cabindas no seu próprio solo e as provocações destas em direcção à resistência armada». Acusa também Angola de pretender «convencer a comunidade internacional que já não controlamos nada e que estamos confinados em pequenos bandos sem possibilidades de movimentação». No mesmo comunicado, o movimento informa que «pelas 08h52 do dia 3 de Fevereiro de 2004, uma equipa de comandos da FLEC atacou, entre as localidades de Nglésio e Prata, a 22 quilómetros a Leste da cidade de

~~Tchiowa, uma coluna das FAA que resultou sete mortos, vários feridos e um considerável número de armas e mochilas de munições recuperadas».~~

~~Segundo Adolfo Martinho Malanda, «em represália, as FAA estacionadas em Tando Zinze prenderam o cidadão de nome Nzazy no dia 30 de Janeiro de 2004, que foi levado para um destino desconhecido». O mesmo documento adianta ainda que «o Estado Maior Geral Operacional da FLEC lembra aos governantes de Angola e aos responsáveis das FAA que Cabinda também aspira pela paz e chama-lhes mais uma vez à consciência para o diálogo, a fim de se evitar o pior».~~

~~Fonte do Ibinda.com garante que «muitos jovens estão muito determinados em se juntarem às fileiras das FLEC's e outros estão recuando para os Congos para efeitos de estudo, para outros garantirem a resistência».~~

5.3 Samakuva na Comissão de Gestão de Luanda

Ebonet.net...10/02/04

UNITA pede enquadramento de vice-governador Correia Vítor

O presidente da Unita, Isaías Samakuva, abordou, em Luanda, com o coordenador da Comissão de Gestão, Higinio Carneiro, questões ligadas ao enquadramento dos seus quadros no novo modelo de governação da capital.

Isaías Samakuva disse à imprensa, à saída do encontro, que foi equacionada uma definição sobre o estatuto do vice-governador Correia Vítor, indicado pelo seu partido, uma vez nomeada a Comissão de Gestão. Disse ter recebido garantias de Higinio Carneiro de que o mesmo continuará a assumir as suas funções.

Quanto aos quadros da Unita designados para administradores municipais e comunais, há mais de um ano, explicou que há situações a rever em função da previsão de alteração da divisão administrativa da província. Considerou ter sido útil a troca de impressões e opiniões que manteve com o coordenador da comissão administrativa de Luanda, um encontro que durou cerca de 30 minutos.

A Comissão de Gestão foi nomeada em meados de Janeiro e tem como principais atribuições propor a alteração da divisão administrativa da capital e reorganizar as estruturas dos serviços do Governo da província.

Deverá adoptar ainda medidas para melhorar a prestação de serviços básicos, nos domínios do abastecimento de água potável, fornecimento de energia eléctrica, transportes públicos, bem como a recolha e tratamento do lixo.

5.4 Polícia “trava” manifestação do PADEPA contra a corrupção

VOA...10/02/04

É verdade Luís, o assunto do dia na capital angolana foi o novo fracasso da vigília do PADEPA. Polícias fortemente armados inviabilizaram esta terça-feira mais uma manifestação pública que o Partido Angolano para a Democracia e Progresso de Angola (PADEPA) pretendia realizar junto da estátua do primeiro Presidente de Angola em Luanda. O PADEPA tencionava, com tal atitude, manifestar-se de forma pacífica contra a omissão pelo governo de processar judicialmente a Human Rights Watch por difamação na sequência da publicação por aquela ONG de um relatório no qual acusava o executivo angolano de desvio de mais de 4 mil milhões de dólares do erário público. O seu líder, Carlos Leitão, considera entretanto que o comportamento da polícia é uma afronta à liberdade de manifestação consagrada na lei. “Este regime continua apoiado na força, não quer nada com a democracia e nem está preparado para a convivência pacífica. Cumprimos todas as formalidades exigidas na lei de reunião e de manifestação e não recebemos nenhuma resposta. Se este governo não quer manifestações será que vai aceitar a alternância de poder?” Carlos Leitão garante que apesar da proibição o seu partido vai continuar a pressionar o governo de forma pacífica depois de considerar ilegal a actual comissão que está a gerir a administração de Luanda. Desde a noite de ontem e durante toda a manhã desta terça-feira um forte dispositivo policial da primeira Divisão e da Rádio Patrulha do comando provincial de Luanda manteve sob forte vigilância o Largo da Independência e áreas adjacentes. O primeiro grupo de manifestantes foi impedido de progredir logo nas proximidades do largo mas não houve relatos sobre quaisquer actos de violência física contra os mesmos. A proibição da manifestação do PADEPA pela polícia não causou qualquer surpresa por não ser pela primeira vez que tal acontece. Os dirigentes daquela formação política da oposição têm estado a ser acusados pelo MPLA de instigar a violência civil. Entretanto a Voz da América soube ao fim da tarde que o líder do PADEPA tinha sido chamado ao gabinete do coordenador da Comissão de Gestão da Província de Luanda, Higinio Carneiro. Não foi possível apurar o que terá dito a Carlos Leitão o novo homem forte da província de Luanda.

5.5 Primeiro Ministro na cimeira de NEPAD

Angop...13/02/04

O primeiro-ministro angolano, Fernando da Piedade Dias dos Santos “Nando”, seguiu ao princípio da tarde de hoje para Kigali, Rwanda, para participar na 9ª cimeira do Comité de Chefes de Estado e do Governo para implementação da Nova Parceria para o Desenvolvimento de África (NEPAD).

Fernando da Piedade Dias dos Santos desloca-se em representação do presidente da República, José Eduardo dos Santos, para dia 14 discutir com vários chefes de estado africanos os avanços alcançados pela NEPAD.

A reunião terá como tema central a adesão a um mecanismo que permita aos países africanos participantes, controlar as acções levadas a cabo para promover a boa governação, uma gestão eficaz e o respeito pelos direitos humanos. Os chefes de Estado deverão, ainda, aprovar os critérios de avaliação propostos por um painel de peritos e adoptar um calendário de avaliações. No âmbito deste mecanismo, serão avaliados este ano o Ghana, o Quénia, as Ilhas Maurícias e o Rwanda. Além destes países, aderiram já ao mecanismo mais 12 Estados designadamente a Nigéria, Camarões, Gabão, República do Congo, Uganda, África do Sul, Moçambique, Burkina Faso, Mali, Senegal, Argélia e Etiópia. Lançada em 2001, a NEPAD pretende fazer com que o continente africano saia do sub-desenvolvimento, atraindo investimento privado com a garantia de “boa governação” por parte dos africanos. São precursores da iniciativa.

Os presidentes da África do Sul, Thabo Mbeki, do Senegal, Abdoulaye Wade, da Nigéria, Olusegun Obasanjo e da Argélia Abdelaziz Bouteflika

5.6 Como morreu Savimbi?

Semanário Angolense... 20/02/04

Nos últimos dois anos tem sido assim. Não há como escapar deste torvelinho de abordar o 22 de Fevereiro, dia em que Jonas Savimbi acabou morto na região de Lucusse, Moxico. O passamento do homem que fundou a Unita mobiliza as atenções de todos porque, efectivamente, marca um antes e um depois na história deste país. Mal ou bem, é indiscutível que Savimbi foi o angolano de quem mais se falou no último quartel do século passado. Por essa razão, o *Semanário Angolense*

dedica ao acontecimento um olhar especial, com artigos, entrevistas, comentários e outras matérias que podem contribuir para dissecar um tema que não está esgotado. Há milhões de angolanos que aguardavam ansiosamente o dia de o ver pelas costas. Mas também há muitos outros que o veneravam e continuam a venerá-lo. Na confluência entre a posição de uns e a de outros, é preciso não perder a serenidade que nos permita encarar os factos com objectividade. A História é para ser contada de forma objectiva. Ela não se compadece com meias-verdades nem com subjectivismos. Mas aqui, neste espaço, não se faz a História. Apenas se avançam contributos que nos permitam compreender por que antes de Jonas Savimbi as coisas passavam-se de uma maneira e com ele fora de cena passam-se de outra. A forma como ele morreu continua a ser alvo de curiosidade do público. Por isso é que Severino Carlos faz um apanhado das conjecturas a respeito, e Jaime Azulay uma cronologia, baseada em rigorosa investigação, dos seus últimos passos. São, no total, 11 páginas para ler e reflectir. Só os historiadores poderão contar o que verdadeiramente sucedeu há dois anos, no local chamado de Lucusse, na província do Moxico, onde a versão oficial diz que Jonas Savimbi, o líder histórico da Unita, tombou varado por sete balas disparadas por soldados das FAA. Mas será que foi mesmo assim?

Dois anos depois, persistem imensas dúvidas. Todos andam a tactear, sem se saber a verdade. Apesar de ser oficial, essa versão não colheu, conclusão a que é fácil chegar-se, em virtude do melindre que o assunto encerra ser propício à manipulação e outros actos do domínio da inteligência e contra-inteligência. Aliás, a manipulação já vinha de trás. Provavelmente, desde a altura em que o próprio Presidente da República acenou Jonas Savimbi com os famosos três cenários: rendição, captura ou morte em combate. Este facto, que havia ocorrido em Dezembro, cerca de três meses antes da morte do líder da guerrilha que tolheu o país por mais de 25 anos, constitui hoje também um dado que alimenta algumas tertúlias e polémicas acerca do passamento de Jonas Savimbi. Quando se discute, por exemplo, as dúvidas sobre a data exacta em que terá ocorrido a morte de Jonas Savimbi, há quem prefira recuar para o dia do enunciado dos três cenários. Há uma tese que propaga a ideia segundo a qual Eduardo dos Santos não terá feito aquelas propostas de ânimo leve. As forças que perseguiram as várias colunas de Savimbi desde a tomada do Andulo e Bailundo, em finais de 1999, teriam, já nessa ocasião, sitiado o que restava das hostes em fuga. Savimbi estaria já então perfeitamente localizado e sob a mira dos operacionais que desencadeavam a operação kissonde. Ou seja, de Dezembro até 22 de Fevereiro, ter-se-á tratado de

apurar o «timming» certo para se desfechar o golpe de misericórdia sobre Savimbi. Provavelmente, o dilema estaria em fazer coincidir o «apagão» do velho guerrilheiro com um cenário político, doméstico e internacional, favorável à aceitação dessa realidade, sem que daí resultassem sobressaltos para as autoridades em Luanda. Noutras latitudes que não a província do Moxico, foi preciso esperar que os focos de guerrilha estivessem mais ou menos controlados. Apenas as regiões a norte, como Kwanza-Norte e Uíje, nas confluências com o Bengo, suscitavam alguns cuidados. Foi em tais paragens que os generais Zorro e Apolo haviam desfechado alguns ataques complicados, ao longo do ano de 2001, em que os casos mais conhecidos foram os raids sobre Caxito, o massacre no comboio dos Cfl em Zenza do Itombe e uma surtida sobre uma central eléctrica a sudeste de Luanda. A este tipo de conjecturas não é alheio o facto de que quando se apertou o gatilho, José Eduardo dos Santos estava a caminho de Washington, levando como «troféu» de guerra a cabeça do seu maior rival, numa altura em que estavam todos os sinais no ar de que a comunidade internacional, com os Estados Unidos à testa, já se havia conformado com o cenário da «solução final», sendo mais do que certo que se limitaria a fechar os olhos ou a lavar as mãos. Provavelmente, para Washington, Jonas Savimbi se havia tornado num fardo complicado de sustentar. Mas mesmo depois disso subsiste a incógnita a respeito da data exacta. Há quem sustente que o dia 22 possa não ter sido o dia real. A véspera ou ainda dois ou três dias antes são aventados como prováveis datas do expiro final de Jonas Savimbi. A ser assim, tudo se encaixaria com a necessidade que se teve de preparar a opinião pública, efectuando-se inclusivamente trabalhos preliminares sobre o cadáver. É quase extraterrestre a versão de certo modo disseminada de que o cadáver, terá vindo a Luanda para exames «post-mortem», mas quem sabe se diante da necessidade de se conservar o cadáver, tal não terá realmente acontecido? Contudo, já é absolutamente pacífica a ideia de que o cadáver foi objecto de autênticos tratamentos de cosmética antes de ser mostrado a público. A real fisionomia que Jonas Savimbi tinha naqueles dias não andaria muito distante da que apresentavam os restantes homens da direcção da Unita que com ele faziam o percurso final. Basta, aliás, recuar-se à imagem que Lukamba Paulo Gato ou mesmo o general Kamorteiro tinham quando foram capturados.

Havia, por conseguinte, toda a necessidade de se facilitar o reconhecimento do corpo de Jonas Savimbi, a fim de que não restasse o mínimo vestígio de dúvida de que eram mesmo as do líder rebelde as imagens que as câmaras de filmar e as máquinas fotográficas registariam. Estes pressupostos terão pois justificado

que fossem tomadas disposições como o aparar da barba (com o célebre cadeado), o corte de cabelo, de modo a que a imagem correspondesse exactamente a do Jonas Savimbi que Angola viu durante a campanha eleitoral de 1992. Era, inclusivamente, necessário não permitir que se retomassem conjecturas sobre a possibilidade de se estar perante um sócio. Um cenário como esse também ocasionaria percalços ao nível dos planos tendentes à desmoralização das forças militares remanescentes da Unita, alimentando igualmente dúvidas que poderiam complicar a aceitação desse facto pela comunidade internacional ou até mesmo pela população angolana. Para que a cosmética fosse perfeita, conta-se que se terá ido ao pormenor de «ajeitar» a indumentária. A camisa de farda verde-oliva pode não ter sido a que Jonas Savimbi usava por ocasião em que foi morto. A que foi mostrada era nova, mas artificialmente ensanguentada. Mas as câmaras de televisão mostraram a parte ensanguentada insuficientemente esburacada para quem havia sido alvejado por vários disparos. Sete, contaram os homens que efectuaram a observação balística. Enfim, era preciso deixar claro que o líder rebelde Jonas Savimbi estava morto e bem morto! Tudo o resto seriam pormenores.

5.7 O segredo do morto

Semanário Angolense... 20/02/04

Com ligeiras alterações, este não seria o título de um conhecido romance? A morte de Jonas Savimbi, tal e qual ela aconteceu, permanece um mistério. Mas já correram à sua volta as mais variadas versões, umas verosímeis e outras simplesmente absurdas. O suicídio, contudo, nunca foi posto de parte. Vez por outra, a tese ressurgue, fazendo-nos lembrar que o homem que fundou o movimento do Galo Negro mostrara, a cada momento da sua vida, não gostar da ideia da rendição. Mas ele era, afinal, um homem e nada mais que isso. Um homem que, vivendo os estertores finais, pode simplesmente ter tido um momento de fraqueza, ao ponto de não conseguir carregar no gatilho. Aqui mesmo neste semanário, em cima dos acontecimentos, não foi possível destrinçar as fontes e respectivos desígnios, e a teoria do suicídio foi alvitrada. Felizmente, sempre com o ponto de interrogação. Para reforçar a tese do suicídio havia justamente aquele sinal de bala ao pescoço de Savimbi. Os cidadãos viraram peritos em balística, e muitos foram os que arriscaram a teoria de que, à distância, os comandos do brigadeiro Wala não estariam em condições de acertar no pescoço do finado sem que o resto da cabeça fosse atingido e até mesmo desfeita pela saraivada de projecteis. Um dos soldados que supostamente estaria na última linha

da frente, o tal que disparou um roquete de «Kastor» cujos estilhaços atingiram Catarina, a mulher que com Savimbi se encontrava, não foi muito convincente nesse ponto. As ondas quentes do impacto do «Kastor» na árvore junto à qual estaria Jonas Savimbi seriam as responsáveis pelo sinal na testa do malogrado? O morto terá partido com o segredo? Durante muito tempo, pensou-se que o general Abílio Kamalata Numa, um dos mais célebres cabos de guerra que a Unita teve, faria luz sobre este mistério quando quebrasse o silêncio. Afinal, ele estava com Savimbi no último instante. Numa abriu a boca, mas na verdade não acrescentou muito ao que se pretendia. Corroborou a versão do Governo e tudo teria morrido aí, se entretanto, não tivesse resolvido meter a história do relato de um jogo do campeonato português de futebol. Havia condições e cabeça para alguém se pôr a ouvir um relato de futebol? Estes e outros depoimentos vindos de gente afectada à própria UNITA nunca foram muito convincentes. Sempre deixaram a ideia de que pretendem evitar este assunto, nas condições frágeis do processo de paz. Consta que um dos guardas de cintura de Jonas Savimbi está vivo e terá, provavelmente, consigo a «verdadeira verdade». O guarda andará por aí, mas é mais difícil alguém lhe pôr a vista em cima do que ao próprio Presidente da República. Além disso, o homem parece pior que um túmulo. Quando um dia ele puder falar, será que irá corroborar a versão do general Numa ou dará alento à teoria do suicídio?

5.8 O que é feito da Jamba?

Semanário Angolense... 20/02/04

Quando, no início da década de 90, a maioria dos angolanos tomou contacto parcial com a realidade da Jamba, o antigo quartel-general da Unita, através das imagens transmitidas pela televisão pública angolana, dessas imagens sobressaiu a do excêntrico sinalheiro e dos trejeitos de que ele foi protagonista. De igual modo, ficou na memória colectiva o improvisado posto de controlo de visitantes, uma espécie de serviços de fronteiras, cuja incumbência visível consistia na fiscalização da entrada de «intrusos».

A primeira leitura que se fazia, na altura, era de que aquele lugarejo, rodeado de jangos e cubatas de barro e cobertas de colmo, ruelas poeirentas iluminadas por toscos postes de luz, no coração da selva, faziam parte de um minúsculo Estado dentro de outro Estado. A penetração e permanência naquele micro território obedeciam a «leis» próprias. Rígidas!

Envolto em realidade e mitos, o remoto lugarejo, perdido algures nas matas da província do Kuando Kubango, aguçava a curiosidade de muitos. Em particular, daqueles que, na sua qualidade de jornalistas

ou de políticos, para lá se deslocaram, no fim das tréguas militares. Mesmo estes não terão levado, certamente, o quadro mais completo e real da antiga praça-forte do Galo Negro.

A pretexto de uma suposta protecção dos visitantes e de «normas» protocolares, a «outra» face da Jamba terá sido discretamente protegida dos olhares indiscretos dos visitantes que lá aportaram.

Se é dado adquirido que este bastião da Unita alimentou ao longo de vários anos a curiosidade alheia, menos verdade não é que a contra-propaganda e a sua diabolização por parte do Governo ajudaram a ampliar o mito que se criou em torno do ex-quartel-general da guerrilha. Com benefícios evidentes para o antigo movimento de guerrilha.

Remonta a década de 70, quando o finado presidente da Unita, Jonas Savimbi, acossado pelas forças governamentais, assentou arraiais naquelas paragens para levar a cabo uma luta de resistência, que durara década e meia.

O local inóspito e rural foi ganhando aos poucos vida ao longo dos anos seguintes. Implantaram-se nele estruturas hospitalares, escolas e outras infra-estruturas básicas. Criaram-se estruturas que configuravam a de um Estado providência. Emergiram corpos de guerrilha com características de um exército convencional, apto para a defesa do pequeno Estado. Tudo isto aconteceu não só por mérito próprio dos seus obreiros, mas também com a importante ajuda «desinteressada» que estes beneficiaram dos seus antigos aliados, em particular, os sul-africanos.

Pela mão desses amigos sul-africanos e de círculos políticos norte-americanos à Jamba chegavam, no calor da guerra, alimentos, vestuários, equipamentos letais e outros meios para fazer face ao esforço de guerra.

A emergência da emissora Vorgan e do sinal de televisão àquelas paragens resultaram dessa colaboração dos antigos aliados yanques e dos racistas sul-africanos, respectivamente.

Assim, a Jamba passou a ganhar o estatuto de capital política e administrativa do ex-movimento rebelde. A partir dela, a Unita congeminou estratégias políticas e militares contra o poder implantado em Luanda.

As tentativas do governo central em tomar pela força aquele bastião não só acabariam em fracasso, como também lhe conferiram uma maior importância no contexto da guerra angolana. Durante anos acreditou-se nos meios castrenses do governo que a sua tomada militar poderia significar o fim dos propósitos de Jonas Savimbi, que apostara fazer dela o seu ponto de partida para a tomada de Luanda.

Local de romagem de jornalistas e de muitos políticos ocidentais, em particular portugueses, identificados

politicamente com a causa da rebelião, a Jamba fora bastas vezes referenciada na imprensa internacional como a «capital» da resistência. Ou, antes, o modelo de governação que poderia ser estendido ao resto do país tão logo a Unita chegasse ao poder.

Ficará registado na história da Jamba o brutal acidente de aviação que o ex-presidente da Câmara de Lisboa, João Soares, sofreu, quando a bordo de uma aeronave, supostamente carregada de marfim, se despenhara no fim da sua pista de terra batida.

Quem dela não guardará também boas recordações é o jornalista angolano William Tonet, que lá estivera preso às ordens de Savimbi. A sua «aventura» só não terminou em fatalidade graças às pressões exercidas, na altura, pela imprensa internacional, que ameaçara boicotar a cobertura do 6º congresso da Unita.

Para a história ficará ainda registado que o antigo quartel da guerrilha servira de sepultura para muitos dissidentes do movimento rebelde, em particular de Tito Chingunji e Wilson dos Santos.

Que resta hoje do antigo santuário do «Galo negro» e como ele ficará registado na história de Angola, quando esta for escrita?

Na Unita, algumas vozes defendem a sua transformação em local histórico, que represente simbolicamente a resistência ao poder. Um desiderato que, certamente, não agradecerá ao poder em Luanda.

O seu abandono definitivo, muito antes da Unita se ter instalado em cidades reduzira paulatinamente a sua importância estratégica. A Jamba deixara, assim, de ser ponto de partida rumo à tomada do nervo do poder.

Actualmente, entregue à sua sorte, hoje só resta dela os escombros, testemunhos de um passado de guerra atroz e sangrenta, que ceifou a vida de milhares de angolanos. Sob esses mesmos escombros estarão igualmente sepultados sonhos, heroísmos, frustrações, intrigas palacianas, traições, desmandos, envoltos em sangue, segredos e, sobretudo, muitos mitos por desvendar...

6.0 PAZ E RECONCILIAÇÃO

6.1 Reconstrução do país capta USD 30 milhões

Jornal de Angola...09/02/04

O Banco de Desenvolvimento da África Austral (DBSA) acaba de disponibilizar 30 milhões de dólares para o processo de reconstrução de Angola. O

montante faz parte de um total de 200 milhões que o Banco de Poupança e Crédito (BPC) está a negociar com aquela instituição bancária sul-africana. Os montantes deverão ser reembolsados a longo prazo. Segundo o presidente do Conselho de Administração do BPC, Paixão Júnior, o dinheiro será aplicado nas telecomunicações, em infra-estruturas (pontes, estradas, aeroportos e portos) e no ramo imobiliário.

Trata-se do primeiro banco sul-africano a entrar em Angola e a colocar à disposição de uma instituição angolana e do Governo uma linha de crédito para investimentos. À saída de uma audiência concedida ontem pelo coordenador da equipa económica, Aguinaldo Jaime, o presidente do DBSA, Jay Naidoo, frisou que a disponibilização dos fundos representam o compromisso da sua instituição em investir em Angola. “Nós temos um sério compromisso para investir em Angola e participar do desenvolvimento deste país e da região Austral. Vamos investir em infra-estruturas, como as águas, electricidade, caminhos-de-ferro, estradas, pontes, telecomunicações e outras áreas dentro das prioridades do Governo”. Jay Naidoo garantiu, deste modo, a disponibilidade da sua instituição em continuar a trabalhar com o Governo angolano para o desenvolvimento do país. Para já, a instituição pretende investir em todas as áreas consideradas prioritárias pelo Governo angolano.

Para o coordenador da equipa económica angolana, a presença do DBSA em Angola constitui um passo importante para a captação de mais recursos para a reconstrução do país, uma vez que ela vai mobilizar dinheiro e pô-lo à disposição da economia Angolana. “Estão criadas condições entre o banco sul-africano, o Governo e as instituições financeiras angolanas, para que em conjunto possamos financiar as grandes prioridades para a reconstrução da economia”.

6.2 Como resolver um conflito?

Agora...14/02/04

Depois do fim da guerra, ao país apresenta-se um outro desafio: a cultura da paz

A organização Humanitária “Adriano Teuns” (OHAT), recebeu um financiamento da Development Workshop para a materialização de um projecto de educação sobre a resolução de conflitos a ter lugar no município de Dombe Grande, na província de Benguela. Em Dombe Grande, de acordo com alguns

dados da ONG, estão concentrados muitos deslocados em resultado do conflito armado, havendo a necessidade de se avançar no seu seio com programas do género, para ensinar as pessoas a viver em sociedade sem revanchismos. “Terminada a guerra vemos que a par de outros programas de reassentamento da população há uma grande necessidade para se cultivar a paz no seio dos cidadãos e isso passa por alguma instrução e engajamento de todas as forças vivas”, comentou fonte da direcção. Com esse projecto, avaliado em cinco mil dólares, os responsáveis da OHAT estão confiantes em atingir primeiro um grupo de cerca de 30 elementos que, por sua vez deverá passar a mensagem a outros elementos da comunidade. Aliás, os preparativos da acção de formação intensiva a ser cumprida em cerca de cinco dias contemplam uma série de documentos sobre o conflito e as formas mais elementares para ultrapassá-lo. “Penso que iniciativas dessa natureza são muito bem vindas para uma população que precisa de pão e amor”, ressaltou ao AGORA, um pastor protestante da região, esta quinta-feira. Mas a acção da ONG não termina por aí. Depois da formação em Benguela, pretende percorrer outras regiões do país, mormente, nas localidades onde opera, como Huambo, Huíla e Cunene. Além dos programas de educação social, a organização está apostada na procura de financiamentos para a reabilitação da missão do Vale do Queve, na província do Huambo, um gigantesco projecto que conforma a formação profissional e actividade agro-pecuária. O ano passado, o projecto devia iniciar com apoio do Fundo de Apoio Social (FAS) mas tal não aconteceu esperando-se que venha a ser executado nos próximos tempos quer com o FAS como com o envolvimento de outros parceiros.

Esta organização, fundada e sediada em Luanda, desde 1999, conseguiu já materializar alguns projectos na Huíla onde participou no reassentamento de cerca de duas mil famílias. A esta gente distribuiu utensílios agrícolas, sementes e construiu escolas. Em Luanda e no Huambo distribuiu o ano passado elevadas quantidades de roupa usada à população num programa de emergência que conta com o apoio da comunidade de Merssen da Holanda. Segundo Aguinaldo Jaime, outros financiamentos se seguirão, não apenas através do BPC, mas directamente a projectos que se enquadram dentro das prioridades estabelecidas pelo Governo. “O banco pretende continuar a marcar a sua presença em Angola para financiar outros projectos, sobretudo no ramo das infra-estruturas, e intervir com outros recursos dos quais os 30 milhões de dólares são apenas o primeiro passo”, sublinhou Aguinaldo Jaime.

6.3 IRSEM apresenta programa de desmobilização e reintegração

Angop...20/20/04

Luanda, 20/02 - O Instituto de Reintegração Sócio-Profissional dos Ex-militares (IRSEM) realiza no dia 26 deste mês, em Luanda, um encontro com os representantes dos Ministérios e Instituições do governo, com objectivo de apresentar o Manual de Implementação do Programa Geral de Desmobilização e Reintegração (PGDR).

Segundo um documento do IRSEM chegado hoje à Angop, a reunião visa ainda a criação de parcerias institucionais para a materialização do processo de reintegração social e económica dos ex-militares.

Participarão do evento representantes dos Ministérios da Assistência e Reinserção Social, do Planeamento, Defesa, Administração do Território, Agricultura, Trabalho, Educação, Saúde, Urbanismo e Ambiente, Interior, Pescas, Obras Públicas, Comunicação Social, Finanças, Relações Exteriores e Família e Promoção da Mulher.

Responsáveis do Estado Maior General das Forças Armadas Angolanas e dos Institutos Nacionais de Formação Profissional, Desminagem, Estradas, da Criança, da Empresa Nacional de Pontes e da Unidade Técnica de Coordenação das Ajudas Humanitárias, estarão também presentes ao encontro que terá lugar no Ministério da Agricultura às 10h00.

6.4 ONG portuguesa assiste prostitutas de Luanda infectadas com SIDA

Noticias Lusofonas...06/02/04

~~A clínica móvel que o Instituto Português de Medicina Preventiva (IPMP) tem a funcionar desde o início do mês em Luanda está a atender, em média, meia centena de prostitutas por dia, informou hoje o responsável por aquela unidade. A clínica móvel destina-se a atender pessoas infectadas com doenças sexualmente transmissíveis, permitindo ainda a realização de testes para detectar o vírus da SIDA. “Numa primeira fase, a clínica está a atender as prostitutas da capital angolana”, afirmou Manuel Pedro, responsável por esta unidade móvel de saúde, em declarações à Agência Lusa. Segundo Manuel Pedro, a clínica, que começou a funcionar há cerca de uma semana, tem registado um atendimento médio de “50 a 60 pessoas por dia”. “Com as prostitutas, como é um programa que tem de funcionar das 18:00 às 24:00, por questões de segurança, centralizamos o nosso trabalho no centro da cidade”, acrescentou. Posteriormente, com o apoio das~~

~~forças policiais, o IPMP pretende alargar o serviço às zonas suburbanas de Luanda. Durante o dia, a clínica movimenta-se nas ruas de Luanda, parando junto de mercados e escolas, onde divulga mensagens sobre os cuidados a ter para evitar a SIDA e as doenças sexualmente transmissíveis. A clínica resultou de uma doação da cooperação italiana, no montante de 30 mil dólares (23,9 mil dólares), tendo o seu equipamento sido feito pelo IPMP. O Instituto Português de Medicina Preventiva tem também a funcionar no Ambriz, província do Bengo, um centro de controlo da SIDA e de doenças sexualmente transmissíveis. Este centro, que abriu em Janeiro, resulta de uma parceria com as Forças Armadas Angolanas. “No final de Fevereiro, esperamos abrir outro centro nos municípios de Ondjiva e de Santa Clara, na província do Cunene”, anunciou Manuel Pedro. O IPMP instalou ainda laboratórios nos centros hospitalares dos Cajueiros e de Kilamba Kiaxi, ambos em Luanda, vocacionados para detectar células CD 4 em doentes seropositivos, especialmente em mulheres grávidas. “Estes aparelhos permitem detectar a quantidade de células CD 4 que elas têm, tendo em vista o seu posterior tratamento”, afirmou. O Instituto Português de Medicina Preventiva é uma organização não governamental que opera em Angola desde 1994, sendo um parceiro activo do governo no combate à doença do sono em Angola.~~

6.5 PAM e Assistência Social ajudam 2.848 famílias em Malanje

Jornal de Angola...09/02/04

Duas mil e 848 famílias reassentadas no município de Cacuso, a 72 quilómetros a Nordeste da cidade de Malanje, foram assistidas com bens alimentares pelo Programa Alimentar Mundial (PAM) e pela Direcção Provincial da Assistência e Reinserção Social (Minars), em 2003.

Segundo o administrador municipal adjunto de Cacuso, Victorino José, quando balanceava as actividades desenvolvidas pelas ONG em 2003, afirmou que o PAM distribuiu quatro mil e 902 sacos de milho, 774 de arroz, 645 de feijão, oito mil e 995 caixas de óleo alimentar e 129 sacos de sal de cozinha. Os beneficiários foram os deslocados provenientes das localidades de Calandula, Lucala e Cambambe, província do Kwanza-Norte. O responsável acrescentou que a ONG Visão Mundial distribuiu igualmente mil e 31 toneladas de sementes de milho, feijão e ginguba para que três mil e 109 famílias camponesas das comunas de Quizenga, Suqueco e Pungo a Ndongo possam garantir a subsistência alimentar e desenvolver a produção agrícola na região.

Para o êxito da produção agrícola no município, disse a fonte, a cooperação espanhola (Oikos) fez a entrega de instrumentos de trabalho destacando-se duas mil e 56 enxadas, mil e 956 catanas e 200 machados que beneficiou duas mil e 377 famílias camponesas reassentadas.

6.6 Cerca de 220 Mil refugiados já regressaram ao país

Ebonet.net...12/02/04

Alguns deles regressaram no âmbito das operações de repatriamento organizado pelo Governo.

A Comissão Permanente do Conselho de Ministros tomou ontem conhecimento de que cerca de 220 Mil refugiados angolanos já regressaram ao país, desde Abril de 2002 até Dezembro passado. Desta cifra, segundo refere um comunicado da reunião orientada pelo Presidente da República, José Eduardo dos Santos, 75 mil fizeram de “forma espontânea e 44 mil, no âmbito das operações de repatriamento organizado”. Nesta sessão, reconheceu-se, por outro lado, que a situação humanitária melhorou de forma considerável, no quarto trimestre do ano passado, continuando a existir ainda algumas bolsas de emergência. Neste período o Governo distribuiu mais de mil toneladas de sementes e cerca de 700 mil kits agrícolas às famílias que regressaram às suas zonas de origem tendo também disponibilizado 20 milhões de dólares para o melhoramento dos serviços básicos sociais para cada província.

A Comissão Permanente tomou conhecimento do memorando sobre a execução do Programa de Desminagem tendo concluído que o problema nas minas mantém-se preocupante e que se deve desenvolver uma maior actividade de sensibilização das populações contra o perigo das minas e incrementar a implementação do Programa Nacional de Desminagem.

6.7 FLEC ataca coluna militar angolana em Nglésio e Prata

Ibinda.com...06/02/04

Cabinda - Após as tensões que pautaram as celebrações do Primeiro de Fevereiro, a FLEC Plataforma acusa o Governo angolano de recusar o diálogo e anuncia novas acções entre as localidades de Nglésio e Prata que resultaram na morte de sete soldados angolanos. Num comunicado difundido à imprensa, o chefe de estado maior da FLEC Plataforma, Adolfo Martinho Malanda, lamenta «que apesar do seu empenho político e militar em busca duma solução pacífica do conflito

em Cabinda, a recusa do Governo de Angola ao diálogo, as insistentes declarações triunfalistas do seu governador em Cabinda, as constantes violações pelas Forças Armadas Angolanas (FAA) dos direitos dos cabindas no seu próprio solo e as provocações destas em direcção à resistência armada». Acusa também Angola de pretender «convencer a comunidade internacional que já não controlamos nada e que estamos confinados em pequenos bandos sem possibilidades de movimentação». No mesmo comunicado, o movimento informa que «pelas 08h52 do dia 3 de Fevereiro de 2004, uma equipa de comandos da FLEC atacou, entre as localidades de Nglésio e Prata, a 22 quilómetros a Leste da cidade de Tchiowa, uma coluna das FAA que resultou sete mortos, vários feridos e um considerável número de armas e mochilas de munições recuperadas».

Segundo Adolfo Martinho Malanda, «em represália, as FAA estacionadas em Tando Zinze prenderam o cidadão de nome Nzazy no dia 30 de Janeiro de 2004, que foi levado para um destino desconhecido».O mesmo documento adianta ainda que «o Estado Maior Geral Operacional da FLEC lembra aos governantes de Angola e aos responsáveis das FAA que Cabinda também aspira pela paz e chama-lhes mais uma vez à consciência para o diálogo, a fim de se evitar o pior».

Fonte do Ibinda.com garante que «muitos jovens estão muito determinados em se juntarem às fileiras das FLEC's e outros estão recuando para os Congos para efeitos de estudo, para outros garantirem a resistência»

7.0 SERVIÇOS BÁSICOS

7.1 Luanda produz mais de 1500 toneladas de lixo por dia

Jornal de Angola...01/02/04

Luanda produz cerca de duas mil toneladas de lixo por dia, de acordo com dados técnicos e levantamentos feitos, informou o director geral da Urbana 2000 Atanásio Rodrigues. À luz desta realidade, a Urbana 2000 foi perdendo a capacidade que teve desde 1997 até finais de 2003. A empresa deixava, para recolha, cerca de 40 por cento daquilo que se produz diariamente. Atanásio Rodrigues informou que a recolha do lixo foi diminuindo à medida em que houve uma degradação dos meios. E este contrato tinha também um constrangimento que consistia na não

previsão do potenciamento da empresa, o que originou situações como a não recolha regular para os municípios de Viana e Cacuaco. Em Abril de 2003 foi aprovado um novo modelo de gestão que prevê que a província de Luanda seja dividida em 5 áreas e cada uma dessas áreas tenha o seu operador, o que permitiria por um lado que se abrangesse a recolha a toda província e uma capacidade muito maior. No entanto durante a semana finda várias empresas de construção civil que detêm equipamento de terra- planagem e pás carregadoras, basculantes e retro-escavadoras, camiões e outros materiais com capacidade organizativa já se prontificaram na resolução do problema da recolha de lixo na cidade de Luanda.

7.2 Comerciantes disponibilizam USD 115 mil para saneamento básico

Angop...03/02/04

Os agentes económicos e comerciantes do perímetro que envolve as ruas da Brigada, N'gola Kiluanje, João Conrado Langue e Senado da Câmara disponibilizaram 115 mil dólares para o asfaltamento e saneamento básico da área, com vista a manter um melhor ambiente. A informação foi avançada hoje à Angop, em Luanda, pelo Coordenador da Comissão de comerciantes do perímetro, Venâncio Ferreira de Almeida.

“Os valores estão disponíveis desde o ano transacto, aguardamos apenas uma resposta do governo da província de Luanda para enviar os meios”, disse.

A fonte frisou que, segundo o Governo de Luanda, agora são necessários aproximadamente 130 mil dólares para limpar e asfaltar o perímetro, acrescentando que há vontade da parte da sua comissão. Essa é uma forma de contribuir para a limpeza daquela área que se encontra em mau estado há mais de cinco anos, sublinhou Venâncio de Almeida. Com vista a limpar o lixo, salientou, a comissão contratou há dois anos a Empresa Urbana 2000, tendo disponibilizado para o efeito sete mil 385 dólares, contudo não foi efetuado o trabalho na ocasião, custando actualmente a prestação do serviço 20 mil e 400 dólares.

A urbana 2000 inicia quarta-feira a limpeza, pondo em prática o novo acordo estabelecido pelas partes. O perímetro alberga 130 casas comerciais, com 15 a 25 trabalhadores (nacionais) cada.

7.3 Luanda e os problemas da água

Folha 8...14/02/04

Depois dos portugueses fundarem a cidade, a sua raridade fazia-se sentir sobretudo no tempo de cacimba, em que a situação se agravava por causa da falta de água e de produtos das lavras. A água. Esse sempre foi o grande problema de Luanda. E os portugueses, que nessa altura se instalavam pouco a pouco em terras do Kongo e Ndongo, de Luanda a Mbaka, do rio Zaire às terras da Kisama e de Benguela, e pouco mais, especializaram-se na venda de água durante o período da estação seca, fazendo concorrência aos tradicionais ilamba e outros “rain makers”. “Montavam balcões de venda de toda a espécie de produtos para os que faziam o tráfico de escravos e recorriam às sendas tortuosas da escravidão, sem se esquecerem, pela mesma ocasião, de fazer alarde da existência nas suas barricas de grande quantidade do precioso líquido, que eles comercializavam a preços exorbitantes”.

Portanto, o problema não é de hoje. E hoje, em pleno século XXI, todos nós já estamos habituados a ver nesta cidade, capital de um dos países, potencialmente, mais ricos do mundo, milhares e milhares de mulheres com cântaros à cabeça em busca de água para satisfazer nem que seja apenas as suas necessidades vitais, um pouco para a limpeza do corpo, outro tanto para fazer a comida e, se sobrar, para lavar a louça e a roupa. Este modus vi vendi quase surrealista para quem o vê de fora, não passa de uma normalíssima situação para os angolanos de raiz. Arranjam-se, desenrascam-se, pedem à vizinha.

Entretanto gastam-se centenas de milhões de dólares para resolver o problema da regularização do fornecimento de água à população luandenses e não se pode dizer que tal investimento tenha completamente fracassado. Só que os beneficiários são poucos, tão poucos que continua-se sem saber onde foi parar o dinheiro. Plano global para o efeito continua a não existir. Por uma razão simples, não existe vontade política de resolver a questão, porque o povo angolano é humilde... porque eleições é coisa que não há neste país há mais de uma década....

Eleições!!? Anunciasse que elas estão à porta, talvez, e quando estivermos mais próximos da sua realização algo se há-de passar na capital, está prometido, algo parecido com uma manifestação de uma verdadeira vontade de acudir à (alta de água na capital do País. E só esperar.

De par com este espinhoso problema da falta de água os luandenses deparam-se também com as catastróficas situações criadas pela sua abundância. Há bairros que são inundados pelas trombas de água das chuvas a pontos de inspirarem aos seus habitantes estratégias

originais, com-provando uma vez mais, se necessário fosse, a extrema habilidade mental do angolano para tirar partido de situações aflitivas. No meio de cenários parecidos ou ainda mais calamitosos dos que se podem inferir das fotografias desta página, em que por vezes acontece o nível das águas atingir mais de meio metro de altura a contar do solo, sempre aparecerá um ou outro autóctone mais perspicaz que encontra meios de paliar as dificuldades decorrentes das inundações na livre circulação de pessoas e bens. Se o nível das águas não é muito alto colocam pedras espaçadas, a preceito, de modo a permitir a travessia das ruas inundadas, mediante, é claro, o pagamento de uma portagem de cinco a vinte kwanzas; se a rua for mais larga e as águas mais altas, vão buscar pranchas de madeira, mais pedras e constroem uma espécie de ponte, sujeita, como é óbvio, a um direito de passagem mais elevado, de dez a trinta kwanzas; casos há, porém, em que parece não haver solução que permita ao pacato cidadão aceder à sua casa, a não ser que seja encharcando-se de água suja até à cintura. Não há solução!?!há sim, senhor. E sai de lá de trás um mais espertalhão com uma banheira ferrugenta, mete-lhe uma rolha no buraco de evacuação das águas e temos uma canoa, pronta a levar o passageiro até ao seu “cubico”! Quem é que disse que não pode? “São cinquenta. Senão podes ir a nado”. Só de pensar nestas cenas caricatas, inspirando um sorriso travesso, como se estivéssemos perante as malandrices traquinas das crianças, esquecemos os dramas que se escondem por trás de tantas manifestações do espírito inventivo e da capacidade de improvisação dos nossos conterrâneos.

Lembramo-nos das casas da Boavista levadas pelos desabamentos de terra, e as da Coreia, e as dos cidadãos que, mesmo ali no Prenda, vêem as casas desabar por força das águas da chuva. Gente pobre, gente humilde, que não tem ninguém que os acuda, à parte um ou outro jornal, o Folha 8 sempre, a Ecclésia...e quem mais? Os que eles elegeram para o Parlamento, se é que têm direito de voto, lamentam o sucedido e pestanejam, vem--lhes o sono e adormecem. Não mexem uma palha, à parte desembaraçarem-se do problema como se tivessem uma batata a ferver nas mãos. Isso é da competência do meu irmão do governo provincial, que diz que é do MINARS, que diz não ter verba, vem de lá o primeiro ministro e diz que vai resolver o problema, mas não resolve. E toda a gente se cala, excepto os lesados que durante meses, por vezes anos a fio, gritam, protestam e ouvem sempre a mesma cantilena, “A solução está em carteira”. A CARTEIRA! O Governo angolano tem milhares de projectos e soluções de problemas em carteira. Condenados a aí ficarem eternamente! Ali no Baleizão, os trabalhos realizados para remediar às constantes inundações de

que o local é alvo à chegada das chuvas de Verão só dão vontade de rir. Valha-nos isso, por aí não tem crise. Mas essas pessoas que continuam a viver em tendas, continuamente à espera que a solução dos seus problemas saia da carteira, mais vale esperar que dela saia um coelho, como o das cartolas dos malabaristas.

7.4 A herança de S. Paulo e a missão de Higinio e pares

Angop...14/02/04

Quando os políticos que administram Luanda fazem promessas relativas a moção do lixo, a reacção dos cidadãos divide-se, geralmente, entre o cepticismo e a chacota, atitudes que marcaram profundamente o relacionamento entre os habitantes desta urbe com o recentemente exonerado governador provincial, Simão Paulo, e que voltam, agora, a cunhar a forma como a população olha para a Comissão de Gestão Administrativa da cidade.

Essa comissão tem a particularidade de estar a ser avaliada pela opinião pública com base numa promessa que jamais proferiu, aquela pronunciada pelo presidente José Eduardo dos Santos num comício realizado a 13 de Dezembro no Cazenga e assente na perspectiva da solução dos problemas ligados com o saneamento de Luanda num espaço de seis meses.

Uma promessa que, entre outras coisas, não deve ter levado em conta o facto de que em matéria de lixo e de águas residuais, a herança que Simão Paulo deixou para Luanda é tão enorme, que os efeitos da degradação já se encontram à porta de cada casa. Esse é, aliás, o espectro do «campo de batalha» em que se transformaram as questões do saneamento básico de Luanda.

E como é que Simão Paulo lidava com esse problema? Com promessas do tipo «em breve as empresas operadoras haverão de empreender algumas acções que visam corrigir, ou, pelo menos, minimizar, o problema das lixeiras e águas residuais que empestam a nossa linda cidade capital», ou então, «Luanda voltará a sorrir nos próximos dias», fazendo eco do que muitas vezes se ouve nas múltiplas entrevistas que, volta e meia, responsáveis desta ou daquela empresa de limpeza e saneamento concedem aos média.

Mas, em todo esse tempo em que os ouvidos dos cidadãos foram sendo «emprenhados» com o anúncio de projectos animadores, nada melhorou, e a imagem da cidade degradou-se ainda mais: é lixo aqui e acolá, é mau cheiro a sair desta ou daquela outra sarjeta, são fossas e tubos de água a rebentar pelas costuras mais além, enfim um verdadeiro «Congo de imundícies» um

pouco por toda a urbe luandense.

Nem mesmo a ideia que Simão Paulo projectou para evitar a sua inevitável exoneração, a empreitada de recolha de lixo porta a porta iniciada em Dezembro, pôde erradicar a sujeira da cidade, algo que se seguiu à antiga proposta da velha Elisal, com o projecto Urbana 2000, de acabar com o lixo no ano 2000.

Neste último projecto, os trabalhos contemplavam, primeiro, a remoção de lixo e a eliminação dos charcos, e, depois, o entulho e a terraplanagem do terreno, numa iniciativa que se estenderia aos arredores do mercado dos Congolezes, igualmente afectado pela sintomática presença de monturos.

O Semanário Angolense constatou, no entanto, que Simão Paulo tentou apenas «tapar o sol com a peneira», pois os homens que destacou para intervirem limitaram-se somente a juntar a totalidade de monturos que se encontram espalhados um pouco por todo lado num monte maior, cuja solenidade, em tempos, só se comparava à de um valente iceberg.

Mas nisto de «mandar bocas», juntam-se também as Administrações municipais, Clubes, Associações e Amigos e Naturais deste ou daquele bairro, que por urna pequena acção de limpeza fazem tão grande alarde, que se chega a ter a impressão de que, finalmente, o problema do lixo chegou ao fim.

Hoje, por exemplo, os moradores do bairro popular, no município do Kilamba Kiaxi, parecem estar já curados da ressaca do compromisso assumido em prol de luta contra o lixo, que levou a que, anos atrás, o bairro fosse distinguido com prémio Cidade de Luanda, patrocinado pelo Governo Provincial de Luanda. Apesar de que a direcção da sua associação de moradores alardeia aos quatro ventos algumas acções do género, pode-se constatar, sem muito esforço, que essas já não se organizam para as campanhas de limpeza, e notam-se já fortes indícios de fraquezas em algumas áreas, mais concretamente na longa rua que serve de permeio entre aquele bairro e o do Palanca.

No Cazenga, parte de rua do Gambôa e toda a área contígua à escola Angola e Cuba encontram-se intransitáveis devido à quantidade de lixo e águas residuais, a parte traseira da linha-férrea, na ponte que vai dar à Igreja católica do Rangel, foi também transformada num nauseabundo depósito de lixo.

Sinceramente não se compreende o desleixo do administrador daquele município e dos próprios populares perante a gravidade do problema que ali se vive, onde também, nas épocas chuvosas, é impossível circular de

mancera decente pelo facto das sarjetas e fossas se encontrarem completamente entupidas, o que não permite o escoamento das águas.

Em idêntica situação encontra-se o bairro da Carimba, na rua Pedalé, o bairro Prenda, por detrás de escola Semione Mucune e Rocha Pinto, na rua da Moagem. Algumas ruas do bairro Tala-Hady, no município do Cazenga, encontram-se em estado de tal forma lastimável, que se chega a ter a impressão de que aí ou não existe uma Administração Municipal, ou, passe o termo, os populares, principalmente aqueles que vivem nas imediações do antigo Clube, já estão acostumados a viver com o lixo, a julgar pela naturalidade com que encaram a situação.

Isso mesmo passa-se no famoso campo do areias, que nos idos 70 acolheu inúmeros torneios distritais, em que se consagraram, entre outros, jogadores como Caricunju, Jacinto João, Zaragateiro, Kiferro, Ginguma, Rábida, Coupé e Formiga, pois que num abrir e fechar de olhos ficou transformado num autêntico « campo de lixo». A transformação daquele campo num depósito de monturo aconteceu mesmo nas barbas da própria administração local e da liga da Juventude do Cazenga, que respondia pela realização das actividades culturais e desportivas no município e numa altura em que ambas anunciavam «tomada de medidas com vista a erradicação dos focos de lixo»...

Donde se conclui que se a herança deixada por Simão Paulo foi sendo acumulada ao longo de mais de 20 anos antes do seu desastroso consolado, seis meses não serão suficientes para a erradicar. Isso diz-se de caras.

8.0 TERRA E HABITAÇÃO

8.1 Populares manifestam-se descontentes com novas habitações

Angop...05/02/04

Moradores recentemente evacuados do bairro dos Coqueiros, no município da Ingombota (Luanda), manifestaram hoje o seu descontentamento pelo facto de estarem a receber moradias sem as mínimas condições de habitabilidade na zona da Sapú, no Kilamba Kiaxi.

Os ex-habitantes dos Coqueiros foram postos em casas inacabadas, sem vidros, fossas, divisões, quintais e a reclamarem um trabalho de reestruturação.

Segundo José Loureiro, um dos desalojados, as casas possuem apenas uma divisória a demarcar dois compartimentos, não se sabendo onde fica a cozinha, a sala ou os quartos.

As casas de banho fecham por fora, o que pode constituir perigo durante o período nocturno, pois as residências não têm quintais, adiantou.

Por outro lado, habitantes do bairro do saneamento, vulgo Calemba 2, estão preocupados com o aumento da delinquência, consubstanciada em assaltos a residências, situação que, segundo eles, não acontecia antes da chegada dos novos vizinhos vindos da Ingombota.

8.2 Mais 52 famílias serão desalojadas da Boavista

Jornal de Angola...06/02/04

As 52 famílias a viverem na zona montanhosa da Boavista, tida como de grande risco habitacional, poderão ser desalojadas nos próximos tempos do local, por forma a evitar tragédias humanas em período chuvoso, segundo o membro da Comissão de Gestão Administrativa de Luanda, Job Capapinha que ontem realizou uma visita de campo ao município da Ingombota. Capapinha que integra a comissão coordenada por Higinio Carneiro e que tem a missão de mudar o aspecto degradante e sujo de Luanda num período de 180 dias, considerou como um atentado à vida a forma como as casas foram erguidas sobre a parte alta do bairro e é de opinião de que tem de se encontrar uma solução urgente, à semelhança do que já aconteceu em tempos com parte dos moradores transferidos para a zona do Zango, município de Viana. “Temos de transferir para as tendas e gradualmente para as residências”, assegurou sem referenciar o local. O também vice-ministro da Juventude e Desportos que na ausência no período da manhã do coordenador da Comissão de Gestão, Higinio Carneiro, chefiou a delegação, auscultou no fim moradores do município e as preocupações recaíram sobretudo para a área do ensino, insalubridade, debilidades no fornecimento de água e luz, degradação dos edifícios e delinquência. Quanto à conservação da cidade, Job Capapinha acha que o esforço deve ser conjugado. Para ele, não pode apenas ser tarefa do Governo mas de todos nós a recuperação física dos edifícios e tornar a capital numa cidade diferente. Antes do encontro com os munícipes da Ingombota, Job Capapinha esteve igualmente na Floresta da Ilha do Cabo e no bairro da favela, comuna da Kinanga.

António Pinto, residente na Coreia (Kinanga), na sua

intervenção disse que acredita no desempenho da comissão, mas lembrou que o lixo e a degradação da cidade foram o principal inimigo de Simão Paulo, ex-governador de Luanda, ditou a sua setença e é, considerou, neste momento, o principal inimigo da Comissão de Gestão. Aliás, como reforçou, “é a razão da existência desta comissão”. O morador sugere à criação de bases para a existência de câmaras, ou uma espécie de autarquias para que as acções administrativas não se confundam com as executivas. Capapinha voltou a lembrar que a Comissão de Gestão não existe para resolver tudo, mas sim para organizar de modo que a futura governação de Luanda trabalhe mais a contento.

8.3 Lei da terra vai beneficiar uma minoria

Agora...07/02/04

Conflitos de terra há-os em todo o mundo, desde a antiguidade. Na maioria dos casos, impera a lei do mais forte. Angola não foge à regra. Entre o rol de exemplos está o caso da Huíla, em que generais, transformados à força em fazendeiros, expropriam terras a camponeses

O presidente da organização não governamental angolana Sos--Habitat, Luís Araújo, afirmou, em declarações ao AGORA, que o país precisa de uma lei da terra que “garanta o acesso à terra e o usufruto, com segurança, por aqueles que nela investirem sem estarem sujeitos ao livre arbítrio de medidas expropriativas”. Luís Araújo defendeu, no entanto, que uma lei da terra em Angola deveria ser aprovada depois da existência de uma “nova Constituição e não agora, uma vez existir um diploma legal - que não precisou - que salvaguarda as questões ligadas à terra. Para o responsável da Sos-Habitat, grémio que tem aparecido em defesa de cidadãos expropriados das suas terras em Luanda, a lei da terra que se pretende para Angola “não será perfeita”, já que não existem leis perfeitas. “As leis são produtos da sociedade humana e vão evoluindo conforme a sociedade vai evoluindo, assim como são adaptadas à realidade para que se estabeleçam regras que permitam a convivência entre as pessoas”. O interlocutor acentuou que a lei da terra, cujo projecto foi aprovado em Novembro último pelo Conselho de Ministros, só se ajustará à realidade do país se, eventualmente, estiverem protegidos os direitos dos cidadãos no que concerne à terra e à sua posse. No que toca à terra, defendeu que o direito positivo deve acasalar-se com normas tradicionais, do direito consuetudinário, que regulam este direito da posse do uso da terra.

“Acho que uma lei da terra deve considerar o direito consuetudinário”, sublinhou Luís Araújo, para quem a

referência contida no projecto de lei da terra, segundo a qual o estrangeiro que queira ter a posse de parcela de terra deverá fazê-lo por terceiros, é “um mecanismo para promover um certo oportunismo por parte de cidadãos angolanos, aqueles que são mais cidadãos, por forma a atrair o capital e o know-how de estrangeiros, mas detendo, em sociedade, mais privilégio no usufruto desta terra”. Do que eu percebi do ante-projecto, é uma lei que vai proteger uma minoria da população e vai facilitar o acesso à terra e à sua posse a alguns privilegiados, aqueles que têm mais facilidades devido ao vínculo com o poder”. Continuou dizendo que a percepção com que ficou foi de que o ante-projecto de lei da terra não colocou em igualdade de circunstâncias a terra comunitária à outra terra usada a título privado. A Sos-Habitat, segundo Luís Araújo, manifesta-se preocupada com as terras ocupadas por cidadãos em zonas periféricas urbanas, aos quais, no seu entender, deveriam ser dadas as possibilidades de verem reconhecida a posse da terra.

“É a nossa preocupação principal, porque existe uma situação de ocupação de posse de facto da terra, que pode ser sempre posta em causa quando assim entenderem os poderes”. Sublinhando que o Estado sempre pode expropriar alguém de qualquer coisa, Luís Araújo abriu um parêntesis para dizer que a lei obriga a que o Estado exproprie de modo correcto, compensando as pessoas pelas perdas da terra que possuíam. Luís Araújo admite que as expropriações não estejam a ser feitas “com intenções de interesse público, mas sim de privado”. Citou os casos do Benfica, em que cidadãos foram expropriados do local, cedido depois ao MPLA que fará uma sala de conferências, e da Boavista, onde poderá ser implementado um projecto urbanístico de um grupo interessado pela zona. “O nosso problema principal não tem sido com a questão da posse da terra, tem a ver com os procedimentos na expropriação da terra”. Luís Araújo disse que, enquanto cidadão, deu o seu contributo no enriquecimento do ante-projecto da lei da terra, ao participar em vários encontros sobre a questão, durante os quais expôs também a sua preocupação ligada a um outro projecto legislativo. “Nós temos um grande défice que tem a ver com o facto de a nossa participação não estar regulamentada por lei.

O que quer que afirmemos, é absorvido de modo arbitrário. Não há nenhum regulamento que obrigue o Estado, o proponente destas leis, a absorver a nossa participação”.

8.4 Governo incentiva discussão do Projecto de Lei de Terras

Angop...20/02/04

Luanda, 20/02 - O Governo exortou hoje, em Luanda, a sociedade civil a manter uma discussão ampla sobre a problemática do Projecto de Lei de Terras, cuja aprovação pelo Conselho de Ministros deu-se a 28 de Novembro de 2003. O apelo foi reiterado pelo vice-ministro do Ambiente Urbanismo, Graciano Domingos, na abertura de um seminário que abordou a “terra como factor importante para o combate a pobreza”, promovido pela associação Rede Terra. Segundo o responsável, a paz traz perspectivas seguras, sendo neste âmbito que se afigura importante legislar os mecanismos de acesso e proteção às terras, sempre em benefício do Estado, e em particular dos cidadãos. “Esta iniciativa assume importância pela imperiosidade de se redinamizar, de forma legal, a vida dos cidadãos que (no campo e nos centros urbanos) vão contribuindo para o desenvolvimento da sociedade”, sublinhou. Em seu entender, esta acção incentivará a população a tornar mais produtiva a terra, particularmente no campo, visto que a maior parte da população angolana é camponesa. Reconheceu também que a aprovação da mesma justifica-se pela necessidade de cobrir lacunas, visto haver um vazio no que toca a legislação sobre o direito de propriedade das terras. Iniciadas no ano passado, as discussões sobre o Projecto de Lei de Terras prosseguem actualmente, visando a sua melhoria, antes de ser submetido a discussão na Assembleia Nacional.

8.5 Descoberta indemnização não entregue

Semanário Angolense...20/02/04

Os antigos moradores do bairro Soba Capassa, um projecto habitacional demolido há perto de dois anos, disseram ter descoberto que o grupo empresarial que está a erguer um outro condomínio sobre aquela mesma área, o Grupo César e Filhos, entregou às autoridades da província, no ano de 2002, uma pesada quantia para indemnizar as pessoas que ali perderam moradias e terrenos.

Representantes de uma comissão dos moradores que ali tiveram as suas casas demolidas mostraram ao Semanário Angolense correspondência trocada em Agosto de 2002 entre o Grupo César e Filhos e o administrador municipal do Kilamba Kixi, Baltazar de Oliveira, que pode conduzir à conclusão de que a empresa enviou o dinheiro para pagar indemnizações a determinadas pessoas.

A peça fundamental dessas supostas provas pode ser

um officio do Grupo César e Filhos datado de oito de Agosto de 2002, sob a referência A/02.01B2.3/IP/jn/02, que se remete ao officio 230/Gab/Admk/02, do administrador do município do Kilamba Kixi, tudo isso datado anteriores às demolições.

O officio do Grupo César e Filhos informa o administrador do facto do «assunto» já ter sido resolvido em tempo oportuno, «tendo sido indemnizados os ocupantes que tinham direito».

Isaías Pedro, que subscreve esse documento em nome do Gabinete Jurídico do grupo, escreve depois que «a empresa declina de qualquer responsabilidade quanto às indemnizações». Supõe-se que essa correspondência tenha sido estabelecida quando o administrador pretendeu ter as garantias de que podia dar início às demolições. Os moradores apuraram junto de funcionários da Administração Municipal do Kilamba Kixi, que a soma das indemnizações entregues pelo grupo empresarial cifrava-se em dois milhões e 500 mil dólares.

As fontes disseram, entretanto, que mais de um ano após a data das demolições, em Novembro de 2002, não têm conhecimento de quem quer que seja, entre os lesados, que tenha recebido um único tostão em indemnizações vindas das autoridades.

No entanto, uma fonte do Grupo César e Filhos disse ao Semanário Angolense não poder confirmar ou desmentir a entrega de quaisquer valores às autoridades em decorrência desse assunto. Em todo o caso, estimou a fonte, a terem acontecido, as indemnizações ter-se-iam antes cifrado na soma de dois mil e 500 dólares para cada um dos 12 moradores habilitados a recebê-las, acrescidos de materiais de construção. A soma de dois milhões e 500 mil dólares, considerou a fonte, é excessiva.

O Semanário Angolense tentou esclarecer esta situação junto do administrador municipal do Kilamba Kixi ao longo de uma semana, sem ter podido nunca contactá-lo pessoalmente.

O bairro de Soba Kapassa, demolido em novembro de 2002, era um projecto habitacional sancionado pelas autoridades provinciais ao tempo em que Aníbal Rocha era o governador da província. Tratava-se de um projecto de «auto-construção dirigida», em que estavam a ser edificadas (ou em vias disso) umas 1000 moradias. Por acaso, as perdas materiais contadas, entre imóveis, arruamentos e outras obras, somam aproximadamente dois milhões e 500 mil dólares.

9.0 OUTROS

9.1 Data do início luta armada continua a gerar polémica

VOA.04/02/04

A data de início da luta anti-colonial em Angola, que hoje se assinala, continua a ser marcada por querelas políticas entre o MPLA e a FNLA, com cada um dos partidos a chamar a si a autoria do acto.

O MPLA diz que o movimento insurreccional do 4 de Fevereiro de 1961 foi desencadeado por um grupo de nacionalistas que, na época, se indentificavam com o seu partido, tese repetidas vezes rejeitada pela FNLA que considera o cónego Manuel das Neves como um dos maiores impulsionadores da revolta. A 4 de Fevereiro de 1961, um grupo de nacionalistas angolanos atacou com catanas e paus, as cadeias principais de Luanda, na perspectiva de libertar os presos políticos que ali se encontravam. As divergências sobre o assunto parecem tão profundas que os dois antigos movimentos de libertação assinalaram a data cada um à sua maneira, gesto que vem se repetindo ao longo de vários anos. Enquanto dirigentes do MPLA foram ao marco histórico do Cazenga homenagear os heróis do 4 de Fevereiro, Holden Roberto e seus companheiros renderam homenagem ao cónego Manuel das Neves, no cemitério do Alto das Cruzes.

Num comunicado divulgado por ocasião da data, o governo diz que o 4 de Fevereiro marcou profundamente a vida e a consciência dos angolanos, cujas consequências ultrapassam as suas fronteiras. O governo reafirma também no comunicado, a sua determinação em normalizar a situação em Cabinda e assume o compromisso de prosseguir com tarefas como a reinserção social dos desmobilizados de guerra, o reassentamento das populações deslocadas e dos refugiados, a reabilitação das estradas e o combate ao HIV/Sida, entre outras. Num outro comunicado, a FNLA considera que 43 anos depois da revolta do 4 de Fevereiro, é altura de se acabar com as querelas político-partidárias e remete o assunto aos historiadores.

O secretário-geral da FNLA, Ngola Kabango diz que esta é a melhor maneira de contribuir para a reconciliação nacional. “O cérebro do 4 de Fevereiro que foi o cónego Manuel das Neves, era militante da UPA. Ele animou uma das células mais importantes da UPA, mas um dia os historiadores se encarregarão desta tarefa”- enfatizou. Por seu turno, o secretário geral do MPLA, Dino Matross, prefere não falar em

querelas políticas, mas afirmou que a nação deve reconhecer todos aqueles que de uma forma ou de outra estiveram envolvidas no acontecimento que culminou com a proclamação da independência. “Devemos respeitá-los e reconhecer os seus efeitos, aquilo que fizeram por este país, muitos dos quais morreram, deixaram as suas famílias”- referiu. Para outros, o 4 de Fevereiro foi um acontecimento protagonizado por um grupo de nacionalistas apenas imbuídos do sentimento de liberdade, sem cores partidárias.

Quarenta e três anos depois, permanecem as dúvidas se o acontecimento terá sido motivado por alguma força política ou não.

9.2 ONG desactiva 71 minas no município do Cubal

Jornal de Angola...09/02/04

Setenta e uma minas terrestres foram destruídas pela ONG The Halo Trust em 2003, nos municípios do Cubal, Ganda e Caimbambo, província de Benguela, localizadas em vias de acesso e campos de cultivo.

O coordenador provincial do Programa de Educação e Sensibilização Contra o Perigo de Minas, António Jongo, adiantou que no mesmo período e nos municípios do Cubal e Ganda, 23 pessoas ficaram mutiladas em consequência de acidentes com minas. Conforme a fonte, a Cruz Vermelha de Angola desenvolve há cerca de dois anos o programa de localização e desactivação de minas e outros engenhos explosivos não detonados. Milhares de pessoas residentes nos municípios referenciados foram sensibilizadas o ano transacto, sobre o perigo de minas e suas consequências na vida humana. A campanha, financiada pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha, visa fundamentalmente a educação das populações.

Como resultado do esclarecimento, adiantou António Jongo, foram localizadas e devidamente sinalizadas outras áreas minadas durante o conflito armado. Recordou que o trabalho de sensibilização foi desenvolvido por um número considerável de activistas, devidamente seleccionados, nas províncias de Benguela e do Bié.

9.3 Herman José e o MPLA

O Publico...10/02/04

Que Herman José é um “entertainer” que gosta de escandalizar, já toda a gente sabe. O seu programa na

SIC é precedido de um aviso de que “contém linguagem e cenas eventualmente chocantes”. Os que o vêem habituaram-se às suas piadas e até à humilhação a que sujeita duas raparigas a exibirem os seus corpos semi-despidos enquanto seguram um cartaz com a letra de uma canção, perante uma plateia mais constringida que divertida.

Também tem sido hábito ver como Herman se sobrepõe a convidados (quase sempre os mesmos), ora para os promover, ora para os ridicularizar, e mais frequentemente para se elogiar a si próprio e/ou vender os seus produtos.

Talvez fosse bom que Herman visse mais vezes o programa de João Soares no GNT, para aprender como se faz o retrato sócio-cultural de um país, com o anfitrião a convidar desde barbeiros a cientistas, deixando sempre falar o interlocutor e sem nunca perder o sentido de humor.

Vem isto a propósito do programa do último domingo em que, sem se perceber porquê, um senhor angolano convidou Herman a visitar a sua terra - dizendo que o país está melhor do que nunca - e lhe ofereceu material de propaganda do MPLA, com “os cumprimentos” do Presidente José Eduardo dos Santos. Como explicar este absurdo numa altura em que estão em curso campanhas de solidariedade para ajudar os órfãos de guerra em Angola?

Haverá muitos telespectadores que apreciam as histórias sem graça de Herman. Ainda no último programa contemplou uma participante com uma visita aos “bastidores” do seu Café-Café, por ela ter enviado uma “composição natalícia com sons de peidos”. Como é que uma estrela perde assim, suicidariamente, o seu brilho?

9.4 Empresário indiano morto em Luanda

VOA...12/02/04

~~Puri, importante homem de negócios indiano, foi encontrado morto, ao princípio da manhã desta quarta-feira numa suite do Hotel Presidente Meridien, em Luanda, segundo confirmou à Voz da América uma fonte policial que se recusou, entretanto, a avançar detalhes sobre as circunstâncias do assassinato. De sessenta e oito anos de idade, Ashwini Puri, cujo corpo apresentava sinais de tortura severa, tinha ainda sinais de amarras nas pernas e nas mãos. Um dos mais prósperos homens de negócios da Índia, que expandia o império económico em distintas áreas do continente africano, tinha acabado de montar em Angola uma~~

~~fábrica de botas e calçados para as Forças Armadas Angolanas numa joint venture com o governo angolano.~~

~~A vítima tinha chegado a Luanda no mesmo dia para contactar os seus parceiros no negócio que estabeleceu com as autoridades angolanas e marcara um encontro com o embaixador do seu país em Angola, Ravi Aggarwal que em entrevista à Voz da América disse ter-se tratado de um assalto por meliantes.~~

~~“Ele frequentemente visitava Angola em negócios e projectos. Isso aconteceu de manhã cedo e foi morto por ladrões que se introduziram no seu quarto. Mataram-no e algumas coisas foram retiradas do seu quarto. A Polícia está a investigar o caso e ainda não temos o relatório oficial da investigação, porque continua a trabalhar nisso”, disse o embaixador Ravi Aggarwal.~~

~~O diplomata indiano considera que este caso poderá ter um impacto negativo na confiança dos potenciais investidores em Angola.~~

~~Oficialmente, ninguém na polícia confirma o caso, mas sabe-se que o filho do empresário chega a Luanda nas próximas horas para trasladar os restos mortais do pai para a Índia.~~

